

# o assassino do bobo

saga assassino e o bobo / livro 1

robin hobb

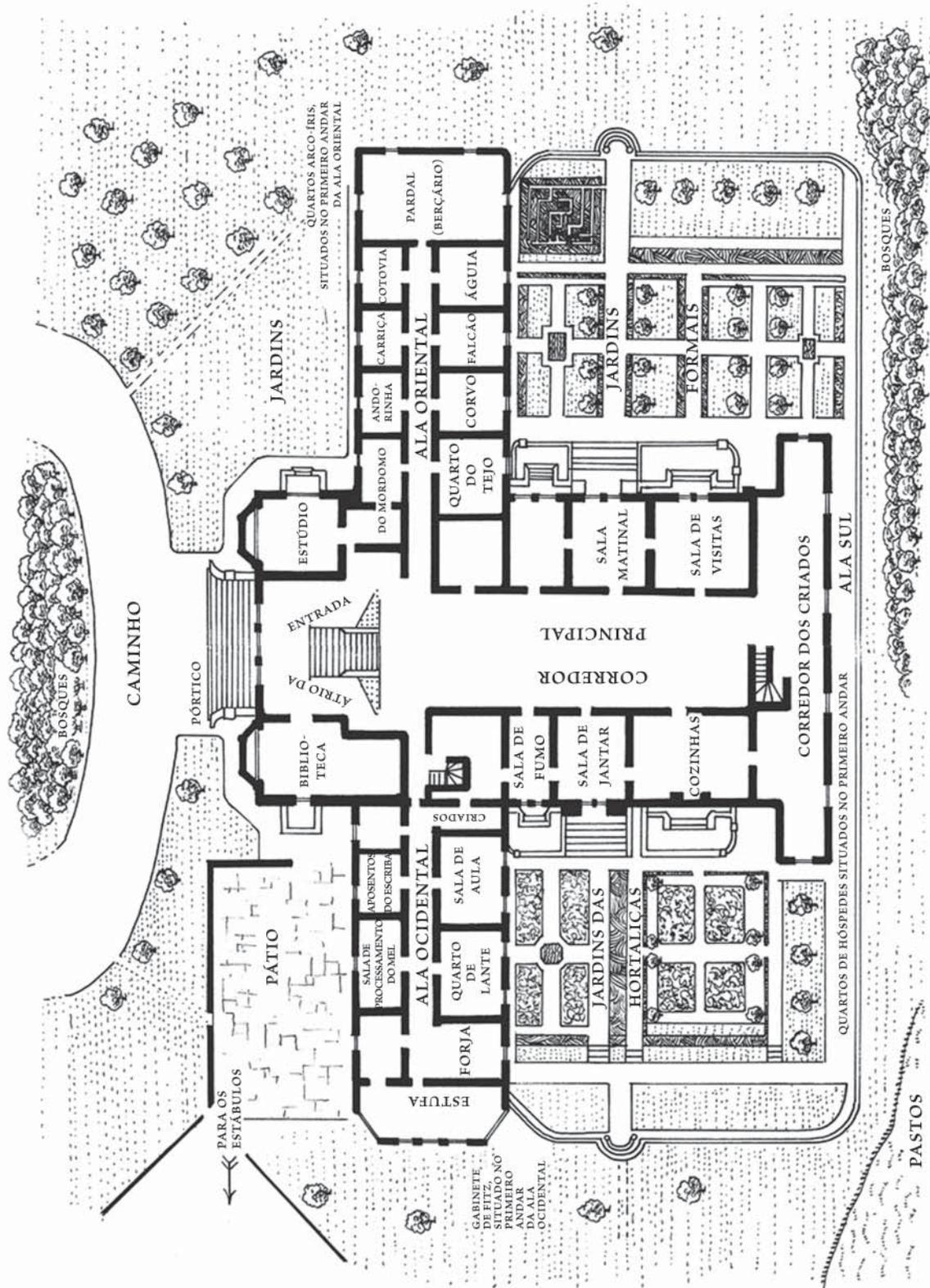
Tradução de Jorge Candeias



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina









## PRÓLOGO

*Minha cara Dama Fenise,*

*Somos amigas há demasiado tempo para me mostrar discreta. Como tão delicadamente sugeriu, sim, fui informada de novidades dilacerantes. O meu sobrinho, o Príncipe Cavalaria, mostrou-se como o indivíduo tosco que eu sempre soube que era. O seu filho bastardo, gerado duma rameira das Montanhas, foi revelado.*

*Por mais vergonhoso que isso seja, as coisas poderiam ter sido geridas de uma forma muito mais discreta se o seu irmão, o Príncipe Veracidade, inteligente como um calhau, tivesse agido rápida e decididamente para eliminar a desonra. Em vez disso, anunciou a criança numa mensagem indiscreta dirigida ao meu marido.*

*Depois, em face deste comportamento ignóbil, o que faz o meu senhor? Ora, não só insiste que o bastardo seja trazido para o Castelo de Torre do Cervo como atribui a Cavalaria o título de Floresta Mirrada e manda-o pastorear para lá acompanhado pela respetiva esposa desajeitada e estéril. Floresta Mirrada! Uma bela propriedade que qualquer um dos meus amigos ficaria feliz por ocupar, e ele recompensa com ela o filho por gerar um bastardo duma plebeia estrangeira! E o Rei Sagaz não vê mau gosto em trazer o dito bastardo aqui para o Castelo de Torre do Cervo, onde qualquer membro da minha corte poderá ver o selvagzinho da montanha.*

*E o derradeiro insulto a mim e ao meu filho? Decretou que o Príncipe Veracidade irá agora adotar o título de Rei Expectante e será o príncipe herdeiro do trono. Quando Cavalaria teve a decência de abdicar da sucessão em face da desonra, eu rejubilei em segredo, crendo que Majestoso seria imediatamente reconhecido como o rei seguinte. Embora possa ser mais novo do que ambos os meios-irmãos, ninguém pode contestar que a sua linhagem é mais nobre e que o seu porte é tão senhorial como o nome.*

*Eu, aqui, sou deveras malbaratada. Tanto como o meu filho Majestoso. Quando abri mão do meu reino e títulos para ser a rainha de Sagaz, fi-lo crendo que qualquer filho que lhe desse seria visto como alguém de muito melhor linhagem do que os dois rapazes imprudentes que a sua antiga rainha lhe deu, e que reinaria depois de Sagaz. Mas será que ele agora olha para Cavalaria e admite o erro em nomeá-lo herdeiro? Não. Em vez disso, só o põe de parte para elevar o apalermado irmão mais novo a rei expectante. Veracidade. O maljeitoso Veracidade da cara quadrada, dotado de toda a elegância de um boi. É demasiado, minha cara. É demasiado para eu suportar. Abandonaria a corte, se Majestoso não ficasse assim sem nenhum defensor aqui.*

Uma missiva da Rainha Desejo à Dama Fenise de Lavra

**E**u odiava-a em rapaz. Lembro-me de quando encontrei pela primeira vez aquela missiva, inacabada e nunca enviada. Li-a, confirmando a mim mesmo que a rainha que nunca conhecera formalmente realmente me odiara desde o momento em que soubera da minha existência. Tornei o ódio mútuo. Nunca perguntei a Breu como tinha arranjado aquela carta. Também ele bastardo, meio-irmão do Rei Sagaz, Breu nunca hesitara em agir em prol dos interesses do trono Visionário. Talvez tivesse surripiado a carta de cima da mesa da Rainha Desejo. Talvez o seu plano tivesse sido fazer com que a rainha parecesse desprezar a Dama Fenise por esta não responder à sua carta. Importará, agora? Não sei, pois não sei que efeito o meu antigo mentor obteve com aquele roubo.

Mas às vezes interrogo-me sobre se terá sido por acidente que encontrei e li a carta da Rainha Desejo à Dama Fenise, ou se teria sido uma revelação voluntária por parte de Breu. Nesses tempos ele era meu mentor e ensinava-me as artes do assassino. Breu serviu implacavelmente o seu rei, como assassino, espião e manipulador da corte no Castelo de Torre do Cervo, e ensinou-me a fazer o mesmo. Um bastardo real, disse-me ele, só está seguro numa corte enquanto for útil. Eu, ostensivamente, era um modesto bastardo, ignorado ou injuriado enquanto navegava pelas perigosas correntes da política no castelo. Mas tanto o Rei Sagaz como eu sabíamos que era protegido pelo ajudante e assassino do rei. Não foram só venenos, manipulação de facas e subterfúgios que ele me ensinou, mas o que

é preciso fazer para se sobreviver como bastardo de linhagem régia. Teria tentado avisar-me ou ensinar-me a odiar para poder ser mais firmemente seu? Mesmo estas questões me ocorrem demasiado tarde.

Ao longo dos anos, vi a Rainha Desejo de tantas formas. A princípio, era a horrenda mulher que odiava o meu pai e me odiava ainda mais, a mulher com o poder de arrancar a coroa da cabeça do meu pai e me condenar a uma vida onde até o meu nome era marca de bastardia. Lembro-me de uma época na minha vida em que temia que me visse.

Anos depois de eu chegar a Torre do Cervo, quando o meu pai foi assassinado em Floresta Mirrada, foi dela a mão que mais provavelmente esteve por detrás do crime. E no entanto, nada houve que eu ou Breu pudessemos fazer, não havia justiça que pudessemos exigir. Lembro-me de perguntar a mim mesmo se o Rei Sagaz não sabia ou se não se importava. Lembro-me de saber com absoluta certeza que se a Rainha Desejo quisesse a minha morte, podia pedi-la. Até me interroguei, nessa época, sobre se Breu conseguiria proteger-me ou cederia ao dever e deixaria que acontecesse. Que interrogações para uma criança.

Floresta Mirrada era para mim uma ideia, um duro local de banimento e humilhação. Quando era rapaz e vivia em Torre do Cervo, fui informado de que fora para aí que o meu pai partira, para se esconder da vergonha que eu constituía. Abdicara do trono e da coroa; vergara a cabeça perante a dor e a ira da sua mulher legítima, Paciência; pedira desculpa ao rei e à corte pelo seu falhanço de virtude e discernimento; e fugira do bastardo a que dera vida.

Assim, eu imaginava aquele lugar com base nos únicos lugares em que vivera até então, como um castelo fortificado numa colina. Pensara nele como um lugar semelhante à fortaleza de paliçada em Olho de Lua, no Reino da Montanha, ou às íngremes muralhas do Castelo de Torre do Cervo, empoleirado no topo das abruptas e ameaçadoras falésias negras viradas para o mar. Imaginara o meu pai, a matutar sozinho num salão gélido de pedra, com as paredes cheias de estandartes de batalha e antigas armas. Imaginara campos pedregosos que davam lugar a pântanos cobertos por nevoeiros cinzentos.

Mais tarde haveria de descobrir que Floresta Mirrada era um grandioso solar, uma casa grande e confortável construída num vale largo e generoso. As suas paredes não eram de pedra, mas de carvalho dourado e rico ácer e, embora o chão dos salões fosse lajeado com seixos planos, as paredes tinham painéis de calorosa madeira. A suave luz do sol do vale cultivado

entrava nas salas, em grandes faixas, pelas janelas altas e estreitas. O caminho que levava à porta da frente era largo, e graciosas bétulas ladeavam-no. No outono deixavam cair um tapete de ouro sobre a estrada e no inverno, ajoujadadas de neve, arqueavam por cima dela, um túnel gelado e branco, intercalado com vislumbres de céu azul.

Floresta Mirrada não era nem fortaleza para banimento, nem exílio, mas um tolerante afastamento pastoril para o meu pai e a sua esposa estéril. Julgo que o meu avô amava tanto o meu pai como a madrasta o odiava. O Rei Sagaz enviara-o para aquela propriedade distante para o manter a salvo.

E quando chegara o meu momento de ir para lá, com a mulher que amava e os seus rapazes cheios de vida e a mulher que sempre quisera ser minha mãe, transformara-se durante algum tempo num refúgio de descanso e paz para nós.

O tempo é um professor pouco gentil, dando-nos lições que aprendemos muito depois de nos poderem ser úteis. Anos depois de eu ter podido beneficiar dela, a compreensão chegou. Agora olho para o “velho” Rei Sagaz do passado e vejo-o como um homem atormentado por uma longa e debilitante doença que lhe roubou o conforto do corpo e a agudeza da mente. Mas, pior, vejo a Rainha Desejo como era: não uma mulher maligna decidida a tornar infeliz a minha pequena vida, mas uma mãe cheia de implacável amor pelo único filho, decidida a que ele nunca fosse desfeito de nenhuma forma. Não se deteria perante nada para o colocar num trono.

O que teria eu feito para proteger a minha filhinha? Que ato teria sido demasiado extremo? Se eu disser “tê-los-ia matado a todos, sem arrependimentos,” transformar-me-á isso num monstro?

Ou só num pai?

Mas é tudo retrospecto. Todas essas lições, aprendidas demasiado tarde. Quando eu ainda era um homem novo, sentia a minha carne como um velhote corcovado, cheio de dores e suspiros. Oh, como tinha pena de mim próprio e justificava todas as decisões insensatas que tinha tomado! E depois, quando chego a minha altura de ser o ancião sábio da minha casa, vi-me encurralado no corpo de um homem de meia-idade, ainda sujeito a essas paixões e impulsos, ainda a contar com a força do meu braço direito quando teria sido mais sensato se parasse e empregasse os meus poderes de raciocínio.

Lições aprendidas demasiado tarde. Revelações descobertas décadas depois.

E tantas coisas perdidas em resultado disso.

## CAPÍTULO 1

### *Floresta Mirrada*

*Castro, velho amigo,*

*Bem, aqui estamos instalados, suponho. Não foi uma época agradável para mim, e nem para ti, se a tua mensagem algo seca esconde tanto quanto eu suspeito que esconde. A casa é imensa, muito maior do que seria necessário para nós dois. É tão teu perguntas pelas nossas montadas antes de inquirires sobre a minha saúde. Vou responder primeiro a essa questão. Fico feliz por te dizer que Seda acolheu a mudança de estábulo com muita calma, como a palafrém bem comportada que sempre foi. Altipó, por contraste, transformou num novo passatempo intimidar o garanhão residente, mas tomámos medidas para nos assegurarmos de que as cocheiras e cercados dos dois estão agora bem separados. Reduzi-lhe a ração e há aqui um jovem palafreireiro, chamado, estranhamente, Altomem, que ficou absolutamente em êxtase quando recebeu o meu pedido para levar o cavalo para o exterior e o exercitar duramente pelo menos uma vez por dia. Com um regime destes, tenho a certeza de que depressa se irá acalmar.*

*A senhora minha esposa. Não perguntaste por ela, mas conheço-te bem, meu amigo. Portanto, dir-te-ei que Paciência tem estado furiosa, magoada, melancólica, histérica e com uma centena de opiniões diferentes sobre a situação. Enfurece-se comigo por lhe ter sido infiel antes de nos conhecermos, e no instante seguinte perdoa-me e culpa-se por não me ter fornecido um herdeiro, dado que “é evidente que o problema é inteiramente meu”. Haveremos de arranjar maneira de ultrapassar isto.*

*Aprecio que te tenhas encarregado das outras responsabilidades que eu aí tinha. O meu irmão falou-me o suficiente do temperamento de quem tens a cargo para eu vos enviar solidariedade a ambos e os mais profundos agradecimentos. Com quem*

*mais poderia contar, numa altura como esta, para um favor tão extremo?*

*Confio que compreendas por que motivo me mantenho discreto a este respeito. Dá por mim a Raposa uma festa, um abraço e um grande osso. Confio dever tanto à vigilância dela como à tua. A minha esposa está a chamar-me dos corredores. Tenho de acabar e enviar isto. O meu irmão poderá ter alguma mensagem minha para ti da próxima vez que os vossos caminhos se cruzarem.*

Carta não assinada de Cavalaria para  
o palafreireiro-mor Castro

**N**eve fresca empoleirava-se em ameias brancas, nos troncos nus de bétula negra que ladeavam a estrada. Branco reluzia em fundo preto, como o fato invernal de um bobo. A neve caía em aglomerados soltos de flocos, acrescentando uma nova camada ao branco reluzente da neve acumulada no pátio. Suavizava as arestas duras de rastos frescos de rodas no caminho, apagando as pegadas dos rapazes na neve e alisando os caminhos rasgados, transformando-os em meras sugestões de si próprios. Enquanto eu observava, outra carruagem chegou, puxada por uma parilha de cavalos cinzentos e pintalgados. Os ombros do condutor, cobertos por um manto vermelho, estavam salpicados de neve. Um pajem vestido de verde e amarelo saiu a correr dos degraus de Floresta Mirrada para abrir a porta da carruagem e fazer gestos de boas-vindas aos nossos convidados. De onde eu estava, não consegui perceber quem eram, só que os trajas sugeriam mercadores de Mirra em vez dos pequenos nobres de uma das propriedades vizinhas. Quando saíram da minha vista e o condutor levou a carruagem para os estábulos, ergui o olhar para o céu vespertino. Vinha aí mais, de certeza. Suspeitei que nevaria a noite inteira. Bem, era adequado. Deixei a cortina cair e virei-me quando Moli entrou no nosso quarto.

“Fitz! Ainda não estás pronto?”

Baixei o olhar para mim.

“Julguei que estava...”

A minha mulher fez estalar a língua. “Oh, Fitz. É o Festival de Inverno. Os salões estão engrinaldados com folhagem, Paciência disse a Tempero para criar um banquete que provavelmente vai sustentar toda a casa durante três dias, todos os três conjuntos de menestrais que convidou estão a

afinar os instrumentos e metade dos convidados já chegou. Devias estar lá em baixo a cumprimentá-los enquanto vão entrando. E ainda nem sequer estás vestido.”

Pensei em perguntar-lhe o que havia de errado com o que tinha vestido, mas ela já estava a esgravatar na arca da minha roupa, erguendo trajes, avaliando-os e pondo-os de parte. Esperei. “Isto,” disse, puxando uma camisa de linho branco com fitas de renda ao longo das mangas. “E este justilho por cima. Toda a gente sabe que usar verde no Festival de Inverno dá sorte. Com o teu fio de prata para combinar com os botões. Estas bragas. Estão fora de moda o suficiente para te fazer parecer um velho, mas pelo menos não estão tão deformadas como as que tens vestidas. Não sou insensata ao ponto de te pedir para usares as calças novas.”

“Eu *sou* um velho. Aos quarenta e sete anos, decerto que me é permitido vestir-me como me apeteça.”

Ela baixou as sobrancelhas e dirigiu-me um olhar de fúria fingida. Pôs as mãos nas ancas. “Está a chamar-me velha, cavalheiro? É que julgo recordar que sou três anos mais velha.”

Emendei apressadamente as minhas palavras. “Claro que não!” Mas não consegui resistir a resmungar. “Mas não faço a mínima ideia do motivo por que toda a gente quer vestir-se como se pertencesse à nobreza jamaiana. O tecido daquelas calças é tão fino que o mais pequeno espinheiro o rasgaria, e...”

Ela ergueu o olhar para mim com um suspiro exasperado. “Sim. Já ouvi essa tua conversa cem vezes. Vamos ignorar que há poucos espinheiros dentro de Floresta Mirrada, sim? Bom. Leva estas bragas limpas. As que tens vestidas são uma vergonha; não as tinhas vestidas ontem quando ajudaste a tratar o cavalo que tinha o casco rachado? E calça estes sapatos de casa, não essas botas gastas. Espera-se que dances, sabias?”

Ergueu-se da escavação na arca das minhas roupas. Cedendo ao inevitável, eu já tinha começado a livrar-me de peças de vestuário. Enquanto puxava a camisa pela cabeça, o meu olhar encontrou o dela. Estava a sorrir de uma forma que eu bem conhecia e, enquanto lhe examinava a coroa de azevinho, a cascata de renda na blusa e o manto bordado em cores alegres, encontrei um sorriso para responder ao dela. O seu sorriso dilatou-se ao mesmo tempo que se afastava um passo de mim. “Vá lá, Fitz. Temos convidados lá em baixo à nossa espera.”

“Já esperaram todo este tempo, podem esperar um pouco mais. A nossa filha pode cuidar deles.”

Avancei um passo. Ela recuou para a porta e pousou a mão na maçaneta enquanto abanava a cabeça fazendo os caracóis negros dançar sobre a testa e os ombros. Baixou a cabeça e ergueu o olhar para mim por entre as pestanas, e de súbito voltou a parecer-me uma rapariguinha. Uma selvagem rapariguinha da Cidade de Torre do Cervo, para ser perseguida ao longo de uma praia arenosa. Lembrar-se-ia? Talvez, pois capturou o lábio inferior entre os dentes e eu vi a sua determinação a quase enfraquecer. Mas depois: “Não. Os nossos convidados não podem esperar e, embora Urtiga lhes possa dar as boas-vindas, uma saudação da filha da casa não é igual a um cumprimento vindo de ti ou de mim. O Enigma pode estar junto dela na condição de nosso mordomo e ajudá-la, mas até que o rei dê autorização para eles se casarem não os devíamos apresentar como um casal. Portanto quem deve recebê-los somos tu e eu. Porque esta noite não vou contentar-me com ‘um bocado’ do teu tempo. Espero de ti um esforço maior do que esse.”

“A sério?”; desafiei-a. Dei dois rápidos passos na sua direção mas, com um guinchinho de menina, ela saiu porta fora. Enquanto quase a fechava, acrescentou pela abertura: “Despacha-te! Sabes como as festas de Paciência podem sair depressa do controlo. Eu deixei a Urtiga encarregada das coisas, mas sabes como é, o Enigma é quase tão mau como Paciência.” Uma pausa. “E nem te atrevas a atrasar-te deixando-me sem par para dançar!”

Fechou a porta no preciso momento em que eu a alcançava. Parei e depois, com um pequeno suspiro, regressi para junto das bragas limpas e dos sapatos moles. Ela contaria que eu dançasse, e eu faria o meu melhor. Sabia que Enigma era capaz de se divertir em qualquer espécie de festividade em Floresta Mirrada, com um abandono que o tornava muito diferente do tipo reservado que mostrava ser em Torre do Cervo e talvez não fosse exatamente correto para um homem que, ostensivamente, não passava do antigo mordomo da nossa casa. Dei por mim a sorrir. Quando ele liderava, por vezes Urtiga seguia-o, mostrando um lado alegre de si que também ela raramente revelava na corte do rei. Cadinho e Justo, os únicos dos seis filhos crescidos de Moli que ainda estavam em casa, precisariam de muito pouco encorajamento para se lhes juntarem. Como Paciência convidara metade de Mirra e muito mais músicos do que os que podiam atuar numa só noite, eu esperava que a festança do nosso Festival de Inverno durasse pelo menos três dias.

Com certa relutância, despi as bragas e vesti as calças. Eram de um verde escuro quase negro, de linho fino, e quase tão volumosas como uma

saia. Eram presas à cintura com fitas. Uma faixa larga de seda completava o ridículo traje. Disse a mim próprio que ao usar aquilo agradaria a Moli. Suspeitei que Enigma teria sido atormentado até usar um traje semelhante. Voltei a suspirar, perguntando a mim próprio por que motivo teríamos nós de imitar as modas jamailianas, e depois resignei-me a fazê-lo. Acabei de me vestir, dominei o cabelo num rabo de cavalo de guerreiro e saí do nosso quarto. Fiz uma pausa no topo da grandiosa escadaria de carvalho; o ruído dos divertimentos subia até mim. Inspirei como se estivesse prestes a mergulhar em água funda. Nada tinha a temer, nenhuma razão havia para hesitar, e no entanto os hábitos entranhados da minha distante juventude ainda puxavam por mim. Eu tinha todo o direito de descer aquela escada, de deambular por entre as pessoas contentes que estavam lá em baixo na condição de senhor da casa e marido da dama que a possuía. Agora era conhecido como Depositário Tomé Texugo, de nascimento plebeu, talvez, mas elevado ao lado da Dama Moli ao estatuto de pequeno nobre. O bastardo FitzCavalaria Visionário — neto, sobrinho e primo de reis — tinha sido sepultado quarenta anos antes. Para as pessoas que estavam lá em baixo, eu era o Depositário Tomé e o financiador do banquete de que queriam desfrutar.

Mesmo se estivesse a usar umas tolas calças jamailianas.

Fiquei mais um momento parado, à escuta. Conseguia ouvir dois grupos diferentes de menestréis a competir para afinar os instrumentos. A gargalhada de Enigma ressoou de súbito, límpida e sonora, fazendo-me sorrir. O zumbido das vozes que vinha do Grande Salão aumentou de volume e depois voltou a diminuir. Um conjunto de menestréis ganhou ascendência, pois um vivo ritmo de tambor intrometeu-se de súbito entre as vozes para dominar tudo. As danças começariam em breve. Eu estava realmente atrasado e era melhor descer. Mas havia uma doçura em estar parado ali, acima de tudo, a imaginar os rápidos pés e olhos cintilantes de Urtiga enquanto Enigma a guiava pelos passos da dança. Oh, e Moli! Ela devia estar à minha espera! Com os anos, eu acabara por me tornar um dançarino razoável, por ela, e Moli adorava que assim fosse. Não me perdoaria facilmente se a deixasse desamparada.

Apressei-me a descer os degraus de carvalho polido, aos dois de cada vez, cheguei ao vestíbulo do salão e aí fui subitamente emboscado por Pândego. O nosso novo e jovem mordomo estava realmente com um ótimo aspeto, de camisa branca, casaco preto e calças pretas, à moda jamailiana. Os sapatos de casa verdes impressionavam, e o mesmo fazia o lenço

amarelo que trazia ao pescoço. Verde e amarelo eram as cores de Floresta Mirrada, e suspeitei que aqueles aprestos teriam sido ideia de Paciência. Não deixei que o sorriso me encurvasse a boca, mas acho que ele me leu nos olhos. Endireitou-se ainda mais e baixou o olhar para mim enquanto me informava num tom sóbrio: “Senhor, há menestréis à porta.”

Deitei-lhe um olhar confundido. “Bem, deixa-os entrar, homem. É o Festival de Inverno.”

Ele ficou parado, com os lábios contraídos em desaprovação. “Senhor, não me parece que tenham sido convidados.”

“É o Festival de Inverno,” repeti, começando a ficar aborrecido. Moli não ficaria contente por ser deixada à espera. “Paciência convida todos os menestréis, bonecreiros, malabaristas, remendões e ferreiros que encontra para virem passar uns tempos connosco. Provavelmente convidou-os há meses e esqueceu-se por completo.”

Não julgava que as costas dele pudessem ficar mais hirtas, mas ficaram. “Senhor, eles estavam à porta dos estábulos, a tentar espreitar lá para dentro por uma fenda entre as tábuas. Altomem ouviu os cães ladrar, foi ver o que se passava e encontrou-os. Foi nessa altura que disseram que eram menestréis, convidados para o Festival de Inverno.”

“E?”

Ele inspirou rapidamente. “Senhor, não me parece que sejam menestréis. Não têm instrumentos. E, apesar de um ter dito que eram menestréis, outro disse que não, que eram malabaristas. Mas quando Altomem disse que não os podia levar até à porta da frente, eles disseram que não tinha de o fazer, que só queriam suplicar abrigo para a noite e os estábulos seriam ótimos.” Abanou a cabeça. “Altomem falou-me em privado quando os trouxe. Acha que eles não são nada do que dizem ser. E eu também acho.”

Deitei-lhe um olhar. Pândego cruzou os braços. Não me olhou nos olhos, mas a boca mostrava obstinação. Encontrei um pouco de paciência para ele. Era jovem e bastante novo no pessoal. Cravite Mansuaves, o nosso antigo mordomo, morrera no ano anterior. Enigma encarregara-se de muitos dos deveres do velho, mas insistira que Floresta Mirrada precisava de mandar educar um novo mordomo. Eu respondera descontraidamente que não tinha tempo para ir à procura de um mordomo e três dias depois Enigma trouxera-nos Pândego. Disse a mim mesmo que, dois meses passados, Pândego ainda estava a aprender onde era o seu lugar e pensei que talvez Enigma o tivesse enchido com demasiada cautela. Enigma era, afinal de contas, um homem de Breu, introduzido no pessoal da nossa casa para me

proteger e provavelmente espiar. Apesar da sua atual alegria e devoção pela minha filha, era um homem impregnado de cautelas. Se o deixassem fazer o que queria, teria um contingente de guardas em Floresta Mirrada capaz de rivalizar com os Homens da Rainha. Puxei as rédeas à minha mente, fazendo-a regressar à questão presente.

“Pândego, aprecio o teu cuidado. Mas estamos no Festival de Inverno. E, quer eles sejam menestréis quer sejam mendigos ambulantes, a nossa porta não deve fechar-se a nenhum homem num dia de festa como este ou numa noite tão nevada. Enquanto houver espaço na casa, eles não precisam de dormir nos estábulos. Trá-los para dentro. Tenho a certeza de que tudo vai ficar bem.”

“Senhor.” Ele não estava a concordar, mas estava a obedecer. Reprimi um suspiro. Por agora, serviria. Virei-me para me ir juntar à multidão no Grande Salão.

“Senhor?”

Voltei a virar-me para ele. A minha voz soou severa quando lhe perguntei: “Há mais alguma coisa, Pândego? Alguma coisa urgente?” Já ouvia as notas hesitantes de músicos a pôr os instrumentos em harmonia, e depois a música subitamente desabrochou. Tinha perdido o início da primeira dança. Fiz ranger os dentes ao pensar em Moli sozinha, a ver os dançarinos a rodopiar.

Vi os dentes dele prenderem-se por um instante no lábio inferior. “Senhor, quem trouxe a mensagem ainda está à vossa espera no gabinete.”

“Mensagem?”

Pândego soltou um suspiro atormentado. “Há horas, mandei um dos vossos pajens temporários à vossa procura com um recado. Ele disse que vo-lo gritou pela porta dos banhos. Tenho de vos informar, senhor, que é isto que acontece quando usamos rapazes e raparigas não educados como pajens. Devíamos ter alguns aqui em permanência, nem que fosse para os educar para futuras necessidades.”

Perante a minha expressão fatigada, Pândego pigarreou e mudou de tática. “Peço perdão, senhor. Devia tê-lo mandado de volta para confirmar que o tínheis ouvido.”

“Não ouvi. Pândego, importas-te de tratar disso por mim?” Dei um passo hesitante na direção do salão. A música estava a aumentar de volume.

Pândego deu um minúsculo abanão à cabeça. “Lamento imenso, senhor. Mas quem trouxe a mensagem diz que ela é especificamente para vós. Já perguntei por duas vezes se podia ajudar, e ofereci-me para escrever a

mensagem para vo-la levar.” Abanou a cabeça. “Quem a trouxe insiste que só vós podeis receber as palavras.”

Nessa altura adivinhei de que mensagem se tratava. O Depositário Barito andava a tentar levar-me a concordar com a ideia de ele pôr parte dos seus rebanhos a pastar com as nossas ovelhas. O nosso pastor insistia categoricamente que assim os animais seriam demasiados para o nosso pasto de inverno. Eu tencionava dar ouvidos ao pastor Lino, mesmo estando Barito agora disposto a oferecer-me uma quantidade decente de dinheiro. O Festival de Inverno não era altura para tratar de negócios. Aquilo ia esperar. “Está bem, Pândego. E não sejas demasiado severo com os nossos pajens. Tens razão. Devíamos ter um ou dois no pessoal. Mas a maior parte, quando crescer, vai trabalhar nos pomares ou seguir os ofícios das mães. É raro precisarmos deles aqui em Mirra.” Não queria pensar naquilo naquele momento. Moli estava à espera. Respirei fundo e tomei a minha decisão. “Por maior que seja a falta de consideração que mostro ao deixar um mensageiro à espera durante tanto tempo, a má educação seria muito maior se deixasse a minha senhora sem par durante não só a primeira dança, mas a segunda. Por favor, transmite as minhas desculpas ao mensageiro pelo meu infeliz atraso e assegura-te de que está confortável e tem comida e bebida. Diz-lhe que eu irei ao gabinete imediatamente a seguir à segunda dança.” Não tinha qualquer desejo de o fazer. As festividades chamavam-me naquela noite. Ocorreu-me uma ideia melhor. “Não! Convida-o para vir para a festa. Diz-lhe para ele se divertir e que nós conversamos amanhã antes do meio-dia.” Não conseguia imaginar nada, na minha vida, que pudesse ser tão urgente que exigisse a minha atenção naquela noite.

“Ela, senhor.”

“Como?”

“É uma ela. A mensageira é uma rapariga, senhor. Dificilmente lhe podemos chamar mulher, pelo aspeto. Claro que já lhe ofereci comida e bebida. Não negligenciaria dessa forma alguém que venha bater-nos à porta. Muito menos alguém que parece ter percorrido um caminho longo e cansativo.”

A música estava a tocar e Moli estava à espera. Era melhor ser a mensageira a esperar do que Moli. “Então oferece-lhe um quarto e pergunta se gostaria que lhe preparemos um banho quente ou uma refeição calma antes de nos encontrarmos amanhã. Faz os possíveis por assegurar-te de que está confortável, Pândego, e eu amanhã dou-lhe todo o tempo que ela desejar.”

“Fá-lo-ei, senhor.”

Ele virou-se para regressar para o átrio e eu apressei-me a seguir para o Grande Salão de Floresta Mirrada. As duas grandes portas estavam abertas, as tábuas de carvalho dourado reluziam com a luz de lareiras e de velas. Música e o som de pés dançantes derramavam-se pelo corredor, refletindo-se nos painéis de madeira, mas, quando me aproximei, os músicos tocaram o último refrão e, com um grito, a primeira dança terminou. Revirei os olhos perante o meu azar.

No entanto, ao entrar no salão, enfrentando a vaga de aplausos aos menestréis, vi que o parceiro de dança de Moli estava a fazer-lhe uma vénia solene. O meu enteado salvara a mãe e levava-a para a pista. O jovem Cadinho passara o último ano a crescer como uma erva daninha. Tinha uma beleza sombria como a do pai, Castro, mas a testa e a boca sorridente eram de Moli. Aos dezassete anos podia mirar de cima o cocuruto da mãe. Tinha as bochechas coradas da dança viva e Moli não parecia ter-me sentido a falta nem um bocadinho. Ao erguer o olhar, quando os seus olhos encontraram os meus do outro lado do salão, sorriu. Abençoei Cadinho e decidi arranjar alguma forma substancial de lhe transmitir os meus agradecimentos. Do outro lado da sala, o irmão mais velho, Justo, estava encostado à lareira. Urtiga e Enigma encontravam-se por perto; as bochechas de Urtiga estavam rosadas e eu percebi que Justo arrelia a irmã mais velha e que Enigma também participava.

Abri caminho pela sala fora até Moli, parando frequentemente para fazer vénias e corresponder aos cumprimentos dos muitos convidados que me saudaram. Estavam ali refletidos todos os estatutos e modos de vida. Os proprietários e os pequenos nobres da região encontravam-se presentes, finalmente vestidos de rendas e calças de linho; o Latoeiro João e a costureira da aldeia e um produtor de queijos da zona também lá se encontravam. Os seus trajes festivos podiam ser um pouco mais datados, e alguns estavam muito gastos, mas tinham sido escovados para a ocasião e as brilhantes coroas e guirlandas de azevinho que muitos usavam tinham sido colhidas de fresco. Moli acendera as suas melhores velas aromáticas e as fragrâncias a lavanda e madressilva enchiam o ar enquanto as chamas dançarinas pintavam as paredes de ouro e mel. Grandiosos fogos ardiam em todas as quatro lareiras, com carnes no espeto vigiadas por rapazes da aldeia, de caras vermelhas, contratados para a ocasião. Várias criadas estavam ocupadas com o barril de cerveja ao canto, empilhando canecas nas bandejas que ofereciam aos dançarinos esbaforidos quando a música fazia uma pausa.

Numa das pontas da sala, mesas estavam carregadas de pães, maçãs,

pratos de passas e frutos secos, bolos e pastéis, bandejas de carne e peixe fumados e muitos outros pratos que não reconheci. Fatias de carne assada no espeto, acabadas de cortar e a pingar de gordura, forneciam tudo o que qualquer homem poderia pedir, e acrescentavam a sua rica fragrância ao ar festivo. Bancos estavam cheios de convidados que já se refastelavam com a comida e a bebida, pois também havia cerveja e vinho com fartura.

Na outra ponta da sala, os primeiros menestréis estavam a ceder o palco ao segundo grupo. Tinha sido espalhada areia pelo chão para os dançarinos. Não havia dúvida de que esta fora varrida de modo a formar elegantes padrões quando os convidados começaram a chegar, mas agora mostrava os atarefados passos dos foliões. Cheguei junto de Moli mesmo na altura em que os músicos soltavam as notas de abertura. Aquela música era tão serena como a primeira fora alegre, portanto quando Moli me pegou na mão e me levou para a pista de dança, eu consegui manter a posse de ambas as mãos dela e ouvir a sua voz por entre a melodia. “Estás com um aspeto muito fino hoje, Depositário Texugo.” E pôs-me a par dos outros homens.

Eu fiz uma vénia solene por cima das nossas mãos unidas. “Se estás satisfeita, eu estou contente,” respondi. Ignorei o esvoaçar do tecido em volta das barrigas das minhas pernas enquanto girávamos, nos separávamos brevemente e voltávamos a dar as mãos. Captei um vislumbre de Enigma e Urtiga. Sim, Enigma estava a usar o mesmo tipo de calças esvoaçantes, azuis, e segurava a minha filha não pelas pontas dos dedos, mas pelas mãos. Urtiga estava a sorrir. Quando deitei um olhar a Moli, ela também sorria. Reparara na direção que o meu olhar seguira.

“Alguma vez fomos assim tão novos?” perguntou-me.

Abanei a cabeça. “Penso que não,” disse. “A vida era mais dura para nós quando éramos daquela idade.”

Vi-a deitar os pensamentos para trás ao longo dos anos. “Quando eu era da idade da Urtiga, já era mãe de três filhos e estava grávida do quarto. E tu estavas...” Deixou o pensamento no ar e eu não falei. Eu estava a viver numa pequena cabana perto de Forja com o meu lobo. Teria sido esse o ano em que acolhera Zar? O órfão ficara contente por ter uma casa e *Olhos-de-Noite* ficara contente por ter companhia mais alegre. Eu nessa altura julgara-me resignado a perdê-la para Castro. Havia dezano-ve longos anos. Afastei a longa sombra daqueles tempos. Aproximei-me mais, pus-lhe as mãos na cintura e levantei-a no ar enquanto girávamos. Ela pôs-me as mãos nos ombros, de boca aberta em surpresa e deleite. À nossa volta, os outros dançarinos ficaram brevemente a fitar-nos de boca

aberta. Quando a voltei a pôr no chão, observei: “E é por isso que devíamos ser novos agora.”

“Tu, talvez.” A cara dela estava rosada, e pareceu um pouco esbafo-rida enquanto dávamos mais uma volta e nos virávamos, separávamos e voltávamos a juntar-nos. Ou quase voltávamos a juntar-nos. Não, eu devia ter-me virado mais uma vez e depois... tinha-me confundido por completo, precisamente na altura em que me sentia muito orgulhoso de me ter lembrado de todos os passos da última vez que tínhamos dançado aquilo. Os outros dançarinos evitavam-me, separando-se para passar por onde eu estava especado como se fosse uma obstinada pedra num riacho. Girei em círculo, à procura de Moli, e fui descobri-la atrás de mim, com as mãos erguidas numa tentativa infrutífera de conter o riso. Estendi as mãos para ela, tencionando voltar a inserir-nos na dança, mas ela pegou-me em ambas as mãos e puxou-me para longe da pista, sem fôlego de tanto rir. Revirei os olhos e tentei pedir desculpa, mas, “Não há problema, querido. Um pouco de repouso e qualquer coisa para beber vão ser bem-vindos. O Cadinho cansou-me há bocado com as suas cabriolas. Tenho de me sentar.” Susteve de súbito a respiração e cambaleou de encontro a mim. A testa reluzia de transpiração. Levou a mão à nuca e esfregou-a, como que para aliviar um espasmo.

“E eu também,” menti. Ela corou, fez-me um débil sorriso enquanto comprimia o peito com uma mão, como que para acalmar um coração aos saltos. Eu devolvi-lhe o sorriso e levei-a para a sua cadeira ao lado da lareira. Mal a sentara, um pajem apareceu-me junto do cotovelo, oferecendo-se para lhe trazer vinho. Ela aceitou com a cabeça e ele desapareceu a correr.

“O que era aquilo que estava cosido à volta do barrete dele?”, perguntei num tom distraído.

“Penas. E madeixas de pelo das caudas de cavalos.” Continuava sem fôlego.

Olhei para ela de soslaio.

“Foi o capricho de Paciência este ano. Todos os rapazes que contratou em Mirra para atuarem como pajens durante a festa estão assim vestidos. Penas para pedir a todas as nossas dificuldades para levantarem voo e fios de cauda de cavalo, que é o que vamos mostrar aos nossos problemas ao fugirmos deles.”

“Eu... entendo.” A minha segunda mentira naquela noite.

“Bom, ainda bem que sim, porque eu certamente não entendo. Mas há qualquer coisa em todos os Festivais de Inverno, não há? Lembras-te do

ano em que Paciência distribuiu varas verdes a todos os homens solteiros que vieram ao festival? Com um comprimento baseado na avaliação que fez da masculinidade de cada um?”

Reprimi a gargalhada que ameaçou escapar. “Lembro. Aparentemente, achou que as jovens damas precisavam de uma indicação clara sobre que homens dariam melhores parceiros.”

Moli ergueu as sobrancelhas. “E talvez precisassem. Houve seis casamentos no Festival de Primavera nesse ano.”

A minha mulher observou a sala em volta. Paciência, a minha madrastra, trazia um grandioso e antigo vestido de veludo azul-claro debruado de renda preta nos punhos e na gola. Os seus longos cabelos grisalhos tinham sido entrançados e presos à cabeça para formar uma grinalda. Tinha no cabelo um único botão de azevinho e várias dúzias de penas de um azul vivo espetavam-se em todas as direções. Um leque pendia de uma pulseira que levava ao pulso; era azul para combinar com o vestido e tinha penas, e também estava debruada de renda negra engomada. Paciência parecia-me ao mesmo tempo adorável e excêntrica, como sempre parecera. Estava a sacudir um dedo à frente do filho mais novo de Moli, avisando-o sobre alguma coisa. Cadinho erguia-se muito direito, baixando um olhar solene para ela, mas os seus dedos entrelaçados não paravam quietos atrás das costas. O irmão, Justo, estava a alguma distância, a esconder o sorriso e à espera que ela o libertasse. Apiedei-me de ambos. Paciência parecia pensar que eles ainda tinham dez e doze anos, apesar de se erguerem como erguiam acima dela. Justo estava prestes a fazer vinte anos e Cadinho era o filho mais novo de Moli, com dezassete. Contudo, ali se mantinha como um rapaz repreendido e aceitava com tolerância a censura de Paciência.

“Quero informar a Dama Paciência de que chegaram mais dos seus menestréis. Espero que este seja o último grupo. Se chegarem mais, suspeito que acabarão à pancada para decidir quem atua e durante quanto tempo.” Todos os menestréis convidados a atuar em Floresta Mirrada tinham asseguradas refeições, um sítio quente para dormir e uma pequena bolsa pelo trabalho. O resto das recompensas era obtido junto dos convidados e era frequente os músicos que atuavam mais colherem os maiores lucros. Três conjuntos de músicos eram mais que os suficientes para um Festival de Inverno na nossa propriedade. Quatro seriam um desafio.

Moli concordou com a cabeça. Levou as mãos às bochechas rosadas. “Acho que vou ficar só aqui sentada mais algum tempo. Oh, ali está o moço com o meu vinho!”

Houve uma pausa na música e eu aproveitei a oportunidade para atravessar depressa a pista de dança. Paciência viu-me a aproximar-me e primeiro sorriu e logo depois franziu-me o sobrolho. Quando cheguei junto dela, já esquecera por completo Cadinho e ele escapara com o irmão. Ela fechou o leque com um movimento rápido, apontou-o a mim e perguntou-me com ar acusador: “O que aconteceu às tuas bragas? Essas saias esvoaçam em volta das tuas pernas como um navio com velas rasgadas pela tempestade!”

Eu baixei os olhos para as calças e ergui-os para ela. “É a nova moda de Jamália.” Quando a desaprovação dela se aprofundou, acrescentei: “Foi a Moli que as escolheu.”

A Dama Paciência fitou as calças como se eu tivesse uma ninhada de gatinhos lá escondida. Depois levantou os olhos para os meus, sorriu e disse: “Uma cor encantadora. E tenho a certeza de que ela está contente por as estares a usar.”

“Está.”

Paciência ergueu a mão, eu estendi o braço, ela pôs-me a mão no antebraço e demos início a uma lenta perambulação pelo Grande Salão. As pessoas abriam-lhe alas, fazendo vénias e cortesias. A Dama Paciência, pois era isso que ela era naquela noite, inclinava gravemente a cabeça ou cumprimentava ou abraçava calorosamente, consoante os méritos de cada pessoa. Eu contentei-me com ser simplesmente a sua escolta, vê-la divertir-se, e procurar manter cara séria perante os seus apartes murmurados sobre o hálito de Dom Durdém ou a pena que sentia pela rapidez com que o Latoeiro Dane estava a perder o cabelo. Alguns dos convidados mais velhos lembravam-se de quando ela não era apenas a senhora de Floresta Mirrada, mas a esposa do Príncipe Cavalaria. Sob muitos aspetos, ela ainda reinava ali, pois Urtiga passava uma boa porção do seu tempo no Castelo de Torre do Cervo como Mestra do Talento do Rei Respeitador, e Moli contentava-se em deixar Paciência levar a sua avante na maior parte dos casos.

“Há alturas na vida de uma mulher em que só a companhia de outras mulheres pode ser suficiente,” explicara-me Paciência quando se mudara sumariamente para junto de nós em Floresta Mirrada, cinco anos antes. “As raparigas precisam de uma mulher mais velha em casa na altura em que se tornam mulheres, para lhes explicar essas mudanças. E quando a outra mudança chega cedo às mulheres, especialmente a mulheres que esperavam dar à luz mais filhos, é bom ter a orientação de uma mulher que também tenha conhecido essa desilusão. Os homens, pura e simplesmente, não são úteis nessa altura.” E, embora eu tivesse sentido alguma ansiedade com o

plano, quando Paciência chegara, com a sua bagagem cheia de animais, sementes e plantas, demonstrara a sabedoria das suas palavras. Eu sabia que era raro duas mulheres coexistirem tão harmoniosamente sob o mesmo teto e abençoei a minha sorte.

Quando chegámos à sua cadeira favorita junto à lareira, depositei-a lá, fui-lhe buscar um copo de sidra temperada e depois confidenciei-lhe: “Os últimos dos vossos músicos chegaram quando eu vinha a descer a escada. Ainda não os vi entrar, mas achei que quereríeis saber que eles estão cá.”

Ela levantou as sobrancelhas na minha direção e depois virou-se para examinar o outro lado da sala. O terceiro conjunto de músicos estava a avançar para ocupar o estrado que aí se encontrava. Ela voltou a olhar para mim. “Não, estão todos cá. Tive o maior cuidado na minha seleção este ano. Para o Festival de Inverno, pensei eu com os meus botões, temos de ter gente de temperamento quente para manter o frio afastado. Por isso, se olhares bem, há um ruivo em cada grupo que eu convidei. Olha ali, vê a mulher que está a aquecer a voz? Olha para aquela cascata de cabelo ruivo. Não me digas que não basta o seu espírito para ela aquecer esta festa.” A mulher realmente parecia ter uma natureza calorosa. Deixou os dançarinos descansar, lançando-se numa longa canção-história, mais adequada a ouvir do que a dançar, cantada numa voz rica e gutural. O público, tanto jovem como idoso, aproximou-se dela enquanto cantava a velha história da donzela seduzida pelo Velho do Inverno e levada para a sua distante fortaleza de gelo no longínquo Sul.

Todos estavam arrebatados pela história, e foi assim que o meu olho captou o movimento quando dois homens e uma mulher entraram no salão. Olharam em volta, como que ofuscados, e talvez o estivessem após a sua longa caminhada por uma noite de nevão. Era óbvio que tinham vindo a pé, pois as suas calças toscas de couro estavam ensopadas até aos joelhos. O vestuário era estranho, como os menestréis costumavam usar, mas diferente de qualquer outro que eu tivesse visto. As botas, que chegavam aos joelhos, eram de um amarelo pintalgado de castanho pela humidade, as calças de couro eram curtas, mal ultrapassando o topo das botas. Os casacos eram do mesmo couro, tingido do mesmo castanho-claro, com camisas de pesada lã por baixo. Pareciam desconfortáveis, como se a lã estivesse demasiado apertada sob os couros. “Ali estão eles agora,” disse eu a Paciência.

Paciência fitou-os do outro lado da sala. “Não os contratei,” declarou com uma fungadela ofendida. “Olha para aquela mulher, pálida como um fantasma. Não há nela calor absolutamente nenhum. E os homens são igualmente invernais, com o cabelo da cor da pelagem de um urso do gelo.

Brr. Enregelam-me só de olhar para eles.” Depois, as rugas alisaram-se-lhe na testa. “Portanto, não vou deixar que cantem esta noite. Mas vamos convidá-los para voltar no pino do verão, quando uma história arrepiante ou um vento fresco seriam bem-vindos numa noite sufocante.”

Mas antes de eu ter tempo de ir fazer o que ela pedira, ouvi um rugido de “Tomé! Aí estás tu! Que bom é ver-te, velho amigo!”

Virei-me com aquela mistura de júbilo e consternação que visitas de surpresa de amigos inconventionais e queridos despertam numa pessoa. Teio estava a atravessar a sala em longas passadas, com Veloz apenas um passo ou dois atrás dele. Abri muito os braços e fui ao encontro deles. O corpulento Mestre de Manha crescera em perímetro ao longo dos últimos anos. Como sempre, tinha as bochechas tão vermelhas como se tivesse acabado de sair do vento. O filho de Moli, Veloz, estava um par de passos atrás dele mas, enquanto eu o observava, Urtiga emergiu da multidão de convidados e emboscou o irmão num abraço. Ele inclinou-se para a erguer e fazer rodopiar num círculo jubiloso. Depois, Teio engoliu-me num abraço de partir a espinha, seguido por várias sólidas pancadas nas minhas costas. “Tens bom apetito!”, disse-me, enquanto eu tentava recuperar o fôlego. “Estás quase inteiro outra vez, não estás? Ah, e a Dama Paciência!” Tendo-me libertado do seu exuberante cumprimento, fez uma vénia elegante por cima da mão que Paciência lhe estendera. “Que luxuoso vestido azul! Fazeis-me lembrar as penas brilhantes de um gaio! Mas, dizei-me, por favor, que as penas que tendes no cabelo não vieram de uma ave viva!”

“Claro que não!” Paciência pareceu devidamente horrorizada com a ideia. “Encontrei-o morto no caminho do jardim no verão passado. E pensei: ora aqui está uma altura para eu ver exatamente o que existe por baixo destas maravilhosas penas azuis. Mas guardei as penas, claro, arrancando-as cuidadosamente antes de o ferver até deixar só os ossos. E depois de deitar fora o caldo de gaio, tinha a tarefa delineada: montar um esqueleto com os seus ossinhos. Sabíeis que uma asa de ave é tão semelhante à mão de um homem como uma barbatana de rã? Todos aqueles ossos minúsculos! Bem, sem dúvida que sabeis que essa tarefa está algures na minha bancada de trabalho, meio feita, como tantos dos meus projetos. Mas ontem, quando estava a pensar em penas para levantarem voo com os nossos problemas, lembrei-me de que tinha uma caixa inteira delas! E, felizmente para mim, os escaravelhos não as tinham encontrado e comido até ao cálam, como fizeram quando tentei guardar as penas de gaviota. Oh! Gaviota! Foi falta de consideração minha? Peço perdão!”

Era óbvio que ela se lembrara de súbito que ele estava vinculado a uma gaivota. Mas Teio sorriu-lhe gentilmente e disse: “Nós, os da Manha, sabemos que quando a vida acaba, o que resta está vazio. Ninguém, julgo eu, o sabe melhor do que nós. Detetamos a presença de toda a vida, alguma da qual arde mais vivamente do que outra. Uma planta pequena não é tão vital perante os nossos sentidos como uma árvore. E, claro, um veado é mais brilhante do que ambas, e uma ave é a mais brilhante de todas.”

Eu abri a boca para objetar àquela ideia. Com a minha Manha, conseguia detetar aves, mas nunca as achara particularmente cheias de vida. Lembrei-me de uma coisa que Castro — o homem que praticamente me criara — me dissera, muitos anos antes, quando declarara que eu não trabalharia com os falcões no Castelo de Torre do Cervo. “Eles não gostam de ti; és demasiado quente.” E eu julgara que se referia à minha carne, mas agora perguntava a mim próprio se teria detetado alguma coisa na minha Manha que nessa altura não me podia ter explicado. Pois a Manha fora então uma magia desprezada e, se algum de nós tivesse admitido possuí-la, teríamos sido enforcados, esquartejados e queimados por cima de água.

“Porque suspiras tu?”, perguntou-me Paciência de repente.

“Peço perdão. Não tive consciência de o ter feito.”

“Bem, mas fizeste! O Mestre de Manha Teio estava agora mesmo a contar-me as coisas mais fascinantes que já ouvi sobre a asa de um morcego e tu suspiras de repente como se nos achasses as velharias mais aborrecidas do mundo!” E pontuou as palavras com uma pancada com o seu leque no meu ombro.

Teio riu-se. “Dama Paciência, com certeza que os pensamentos dele estavam longe. Eu conheço o Tomé há muito tempo, e lembro-me bem dos seus laivos de melancolia! Ah, mas tenho estado a guardar-vos para mim e há outros dos vossos convidados que vêm reclamar-vos!”

Ter-se-ia Paciência deixado enganar? Julgo que não, mas agradou-lhe deixar-se levar para longe de nós pelo jovem encantador certamente despachado por Urtiga para deixar Teio falar comigo em privado. Quase desejei que não o tivesse feito; Teio enviara-me várias cartas e eu tinha a certeza de que sabia para que corrente de conversa ele desejava atrair-me. Passara-se muito tempo desde que eu me vinculara a um animal através da Manha. Mas aquilo que Teio parecia fazer equivaler ao amuo de uma criança, eu sentia ser mais a solidão de um homem há muito casado que fica de súbito viúvo. Ninguém poderia substituir *Olhos-de-Noite* no meu coração; e eu não conseguia imaginar uma ligação semelhante com qualquer outra

criatura. O que partira, partira, como ele acabara de dizer. Agora, os ecos do meu lobo em mim eram suficientes para me sustentar. Essas memórias vívidas, tão fortes que por vezes sentia ainda ouvir os seus pensamentos na minha mente, sempre seriam preferíveis a outra união.

E por isso, nesta altura, quando Teio se aventurou a ultrapassar as banalidades sobre como eu tinha passado e se Moli se havia mantido bem e se as colheitas tinham sido boas naquele ano, eu desviei de forma deliberada a conversa que nos levaria, inevitavelmente, à importância que ele dava a eu aprender mais sobre a Manha e à discussão sobre o meu estado solitário. A minha opinião ponderada era que, como não tinha parceiro e pretendia assim permanecer para o resto da vida, não precisava de mais do que os conhecimentos que tinha agora sobre a magia da Manha.

Portanto inclinei a cabeça na direção dos “músicos” que ainda estavam junto da porta e disse-lhe: “Temo que eles tenham feito uma longa viagem para nada. Paciência disse-me que os cantores ruivos são para o Festival de Inverno e quer deixar os louros para o verão.” Esperava que Teio partilhasse do meu divertimento com as excentricidades da Dama Paciência. Os forasteiros não tinham vindo até ao salão para se juntarem à diversão, mas permaneciam à porta, conversando só uns com os outros. As suas posições eram as de velhos companheiros, mais próximas do que as que adotamos com meros conhecidos. O homem mais alto tinha uma cara gasta e escarpada. A mulher a seu lado, que tinha a cara virada para ele, possuía malares largos e uma testa alta e enrugada. “Louros?”, perguntou-me Teio, olhando em volta.

Eu sorri. “Aquele trio, vestido de forma estranha, perto da porta. Estás a vê-los? Com botas e casacos amarelos?”

Ele passou os olhos pelos outros duas vezes e depois, com um sobresalto, fitou-os. Os olhos esbugalharam-se-lhe.

“Conhece-os?”, perguntei, ao ver a sua expressão de temor.

“São Forjados?”, perguntou ele num murmúrio rouco.

“Forjados? Como podem ser Forjados?” Fitei-os, perguntando a mim próprio o que teria alarmado Teio. O Forjamento despia um homem da sua humanidade, arrancava-o da teia de vida e interligação que nos permitia a todos ser fonte e alvo de sentimentos. Os Forjados só se amavam a si próprios. Em tempos houvera muitos nos Seis Ducados, depredando as próprias famílias e vizinhos, dilacerando o reino por dentro, quando os Salteadores dos Navios Vermelhos libertaram a nossa própria gente, como inimigos, entre nós. O Forjamento fora a magia negra da Mulher Pálida e

do seu capitão, Quebal Pancru. Mas nós tínhamos vencido e expulsado os salteadores das nossas costas. Anos depois de terem terminado as Guerras dos Navios Vermelhos, tínhamos levado navios até ao seu último baluarte na Ilha de Aslevjal, onde lhes pusemos fim para sempre. Os Forjados que eles tinham criado haviam há muito partido para as respetivas sepulturas. Ninguém praticava essa maligna magia há anos.

“Sinto-os como Forjados. A minha Manha não consegue encontrá-los. Mal os deteto, exceto com os olhos. De onde vieram?”

Como Mestre de Manha, Teio dependia muito mais profundamente do que eu dessa magia dos animais. Talvez se tivesse tornado o seu sentido dominante, pois a Manha fornece-nos um formigueiro de consciência de todas as criaturas vivas. Então, alertado por Teio, estendi deliberadamente a minha Manha para os recém-chegados. Não tinha o nível de consciência dele, e a sala repleta atenuava-me ainda mais os sentidos. Não consegui sentir quase nada vindo deles. Ignorei o facto com um encolher de ombros.

“Não são Forjados,” declarei. “Juntam-se com demasiado companheirismo. Se fossem Forjados, cada um se poria imediatamente à procura do que mais precisava, comida, bebida ou calor. Eles hesitam, sem quererem ser vistos aqui como intrusos, mas estão desconfortáveis por não conhecerem os nossos costumes. Portanto, não são Forjados. Os Forjados nunca se importam com essas delicadezas.”

De súbito apercebi-me de que soava demasiado como o aprendiz de assassino de Breu no modo como os analisava. Aquelas pessoas eram convidados, não alvos. Pigarreei. “Não sei de onde vieram. Pândego disse-me que apareceram como sendo músicos para a festa. Ou talvez malabaristas.”

Teio continuava a fitá-los. “Não são nem uma coisa nem outra,” disse num tom que não admitia dúvidas. A curiosidade brotou na sua voz quando anunciou: “Bom, vamos falar com eles e descobrir quem e o que são.”

Eu observei os três a conferenciarem uns com os outros. A mulher e o homem mais novo concordaram bruscamente com as cabeças com o que o mais alto estava a dizer. Depois, como se fossem cães-pastores enviados para recolher ovelhas, abandonaram-no abruptamente e começaram a movimentar-se decididamente por entre a multidão. A mulher manteve a mão na coxa, como se os seus dedos procurassem uma espada que não estava lá. As cabeças viravam e os olhos moviam-se sem destino enquanto avançavam. À procura de alguma coisa? Não. De alguém. A mulher pôs-se em bicos de pés, tentando espreitar por cima das cabeças das pessoas que estavam a assistir à mudança de músicos. O líder recuou para a porta. Estaria a

guardá-la para que a presa não escapasse? Ou estaria eu a imaginar coisas? Ouve-me perguntar em voz baixa: “Quem andam a caçar?”

Teio não respondeu. Já tinha começado a deslocar-se para onde eles haviam estado. Porém, na altura em que se afastou de mim, uma batida viva foi de súbito acompanhada por vozes alegres e uma flauta trinada, e os dançarinos correram de volta à pista. Casais rodopiaram e saltaram como piões ao ritmo da animada melodia e bloquearam-nos o caminho e a visão. Pousei a mão no ombro largo de Teio e puxei-o para trás, afastando-o dos perigos da pista de dança. “Vamos dar a volta,” disse-lhe, e segui à frente. Mas mesmo esse caminho estava repleto de demoras, pois havia convidados para cumprimentar e não era possível apressar as conversas sem parecer mal-educado. Teio, sempre interessado e palrador, pareceu perder interesse nos estranhos forasteiros. Concentrava fortemente a atenção em cada pessoa a quem era apresentado e convencia-as do seu encanto através apenas do intenso interesse que mostrava em quem eram e no que faziam na vida e em estarem ou não a passar uma noite agradável. Eu observava a sala mas já não conseguia localizar os forasteiros.

Não estavam a aquecer-se junto da lareira grande quando passámos por ela. Nem os vi a apreciar a comida ou a bebida, ou a dançar, ou a observar a festa sentados nos bancos. Quando a música terminou e a maré de dançarinos refluíu, pedi firmemente perdão por me afastar da conversa entre Teio e a Dama Essência e atravessei a passos largos a sala até onde os vira pela última vez. Estava agora convencido de que não eram músicos e aquela não era para eles uma paragem casual. Tentei não deixar que as suspeitas escalassem; o meu treino inicial nem sempre me servia bem em ocasiões sociais.

Não encontrei nenhum dos três. Esgueirei-me para fora do Grande Salão, penetrando na relativa calma do corredor, e procurei-os em vão. Desaparecidos. Respirei fundo e abri resolutamente mão da curiosidade. Sem dúvida estariam algures em Floresta Mirrada, a vestir roupa seca ou a beber um copo de vinho ou talvez perdidos na multidão de dançarinos. Voltaria a vê-los. Por agora, era o anfitrião da festa e a minha Moli já tinha sido deixada sozinha durante demasiado tempo. Tinha convidados de que cuidar e uma mulher bonita com quem dançar e uma festa maravilhosa. Se eles fossem músicos ou malabaristas, esperariam conquistar os favores e a generosidade dos convidados. Era até possível que fosse eu a pessoa que procuravam, visto que era eu quem controlava a bolsa que pagava aos artistas. Se esperasse tempo suficiente, eles haveriam de me abordar. E se

fossem pedintes ou viajantes, continuariam a ser bem-vindos. Porque teria eu de imaginar sempre perigos para os meus entes queridos?

Voltei a mergulhar no turbilhão de divertimento, voltei a dançar com Moli, convidei Urtiga para me fazer companhia numa jiga mas perdi-a para Enigma, interrompi Cadinho quando este estava a ver quantos bolos de mel conseguia empilhar numa só bandeja para divertimento de uma bonita donzela de Mirra, comi demasiadas bolachas de gengibre e acabei por ser encurralado por Teio junto do barril de cerveja. Ele encheu a caneca depois de mim e a seguir empurrou-nos para um banco não muito distante da lareira. Procurei Moli com o olhar, mas ela e Urtiga estavam de cabeças juntas e, enquanto as observava, puseram-se em movimento em uníssono para irem despertar Paciência, que dormitava numa cadeira. Esta protestou debilmente enquanto as outras a seguravam para a levar para os seus aposentos.

Teio falou sem preâmbulos. “Não é natural, Tomé,” repreendeu-me, sem se importar com quem pudesse ouvir-nos. “Estás tão sozinho que és um eco para a minha Manha. Devias abrir-te à possibilidade de te voltares a vincular. Alguém do Sangue Antigo passar tanto tempo sem parceiro não é saudável.”

“Não sinto a necessidade,” disse-lhe com honestidade. “Tenho aqui uma vida boa, com Moli, Paciência e os rapazes. Há trabalho honesto para me manter ocupado e o meu tempo livre é bem passado com aqueles que amo. Teio, não duvido da tua sabedoria e experiência, mas também não duvido do meu coração. Não preciso de nada mais do que tenho neste momento.”

Ele olhou-me nos olhos. Eu devolvi-lhe o olhar. A última coisa que dissera era quase verdadeira. Se pudesse voltar a ter o meu lobo, então, sim, a vida seria muito mais agradável. Se pudesse abrir a porta e descobrir o Bobo a sorrir na soleira, então a minha vida estaria realmente cheia. Mas não valia a pena andar a suspirar por aquilo que não podia ter. Isso só me distraía do que tinha, e o que tinha era mais do que alguma vez tivera na vida. Um lar, a minha senhora, jovens a crescer até serem homens sob o meu telhado e o conforto da minha própria cama à noite. Só as consultas suficientes vindas do Castelo de Torre do Cervo para eu sentir que ainda era necessário no grande mundo, mas poucas o bastante para saber, realmente, que eles podiam passar sem mim e deixar-me ter alguma paz. Tinha aniversários de que me podia orgulhar. Havia quase oito anos que Moli era minha mulher. Tinham-se passado quase dez desde que matara alguém.

Quase dez anos desde que eu vira o Bobo pela última vez.

E ali estava ele, aquele mergulho de pedra num poço do meu coração. Evitei mostrá-lo no rosto ou nos olhos. Esse fosso, afinal, nada tinha a ver com o tempo que eu passara sem companheiro animal. Essa era uma espécie completamente diferente de solidão. Não era?

Talvez não. A solidão que não pode nunca ser preenchida por ninguém exceto aquele cuja perda criou a ausência; bem, nesse caso talvez fosse a mesma coisa.

Teio continuava a observar-me. Apercebi-me de que estivera a fitar os dançarinos atrás do seu ombro, mas agora a pista estava vazia. Virei o olhar para o cruzar com o dele. “Eu estou bem assim, velho amigo. Satisfeito. Porque haveria de interferir nisso? Preferias que ansiasse por mais, tendo já tantas coisas?”

Era a pergunta perfeita para deter a intromissão bem-intencionada de Teio. Vi-o refletir sobre as minhas palavras e depois um profundo sorriso nasceu na sua cara, um sorriso que vinha do coração. “Não, Tomé, não desejaria isso para ti, a sério. Sou um homem que é capaz de admitir que está errado e talvez tenha andado a medir o teu trigo com a minha fanga.”

A discussão virou-se de repente de pernas para o ar para mim. As palavras jorraram da minha boca. “A tua gaivota, *Risca*, ainda está bem?”

Ele fez um sorriso torto. “Tão bem como se poderia esperar. É velha, Fitz. Está comigo há vinte e três anos e provavelmente já tinha uns dois ou três quando nos conhecemos.”

Eu fiquei em silêncio; nunca parara para pensar em quanto tempo uma gaivota poderia viver, e não lhe fiz essa pergunta naquele momento. Todas as perguntas que eram demasiado cruéis para serem feitas deixavam-me em silêncio. Ele abanou a cabeça e afastou de mim o olhar. “Acabarei por perdê-la, a menos que algum acidente ou doença me leve primeiro. E vou chorar por ela. Ou ela chorará por mim. Mas também sei que, se for deixado sozinho, acabarei por começar a procurar outro parceiro. Não por *Risca* e eu não termos uma coisa maravilhosa juntos, mas porque sou de Sangue Antigo. E nós não fomos feitos para sermos almas solitárias.”

“Vou pensar bem no que me disseste,” prometi. Teio merecia essa cortesia da minha parte. Estava na altura de abandonar aquele tema. “Chegaste a conseguir falar com os nossos estranhos convidados?”

Ele acenou lentamente com a cabeça. “Cheguei. Mas não durante muito tempo e só com a mulher. Tomé, ela perturbou-me. Ressoava estranhamente aos meus sentidos, tão atenuada como sinos abafados. Disse que

eram malabaristas viajantes e que esperavam divertir-nos mais tarde. Foi avara de palavras sobre si, mas cheia de perguntas para mim. Andava à procura de um amigo que talvez também tivesse vindo para esta zona recentemente. Tinha eu ouvido falar de outros viajantes ou visitantes na área? E quando lhe disse que, embora fosse amigo da casa, também só tinha chegado esta noite, perguntou-me se tinha encontrado algum outro forasteiro na estrada.”

“Será que um membro do grupo deles se separou dos outros?”

Teio abanou a cabeça. “Acho que não.” Franziu levemente as sobrancelhas. “Foi mais que estranho, Tomé. Quando perguntei quem...”

E nesse momento Justo tocou-me no cotovelo. “A mãe precisa da tua ajuda,” disse em voz baixa. Um pedido simples, mas houve algo na forma como ele o fez que me alarmou.

“Onde é que ela está?”

“Ela e Urtiga estão nos aposentos da Dama Paciência.”

“Imediatamente,” disse, e Teio fez-me um aceno com a cabeça quando me pus a caminho.

## CAPÍTULO 2

### *Sangue Derramado*

*De todas as magias que os homens se sabe possuírem, a mais elevada e nobre é a coleção de aptidões conhecida como Talento. Decerto não é coincidência que, ao longo de gerações de governo Visionário, se manifeste frequentemente naqueles destinados a se tornarem os nossos reis e rainhas. A força de caráter e a generosidade de espírito, as bênçãos de El e Eda, acompanham com frequência esta magia hereditária da linhagem Visionário. Ela confere ao utilizador a capacidade de enviar os pensamentos para longe, de influenciar suavemente o pensamento dos seus duques e duquesas, ou de incutir o medo no coração dos inimigos. A tradição diz-nos que muitos governantes Visionário, com a sua força suplementada pela coragem e aptidão do seu Círculo de Talento, eram capazes de levar a cabo curas maravilhosas*

*tanto sobre o corpo como sobre a mente, bem como de comandar tanto os seus navios no mar como os nossos defensores em terra. A Rainha Eficaz estabeleceu seis círculos para si, colocando em cada um dos ducados um grupo apto no Talento, tornando assim a magia do Talento disponível para todos os duques e duquesas de sua confiança durante o seu esclarecido reinado, para grande benefício de todo o povo.*

*Na outra extremidade do espectro mágico encontra-se a Manha, uma magia vil e corruptiva que afeta mais comumente os plebeus que vivem e se reproduzem junto dos animais de que tanto gostam. Esta magia, em tempos vista como útil para as guardadoras de gansos, os pastores e os palafreiros, é, sabe-se agora, perigosa não só para aqueles que sucumbem à sua influência mas também para todos os que os rodeiam. A contaminação da comunicação mente-a-mente com animais leva a comportamentos e apetites animalescos. Embora este escritor lamente que mesmo jovens de nascimento nobre tenham sido presas da atração da magia dos animais, não posso comiserar mais do que desejando que eles sejam rapidamente descobertos e eliminados antes de poderem infetar os inocentes com os seus repugnantes apetites.*

*Sobre as Magias Naturais dos Seis Ducados, um tratado  
pelo Escriba Língua-Doce*

**P**raticamente esqueci os nossos estranhos visitantes ao apressar-me pelos corredores de Floresta Mirrada. O meu temor imediato foi por Paciência. Ela caíra duas vezes no último mês, mas culpava pelas quedas a sala, por “se pôr de repente a girar à minha volta”. Não corri, mas o meu passo era tão longo quanto me foi possível e, quando cheguei aos seus aposentos, em vez de bater à porta, precipitei-me de imediato lá para dentro.

Moli estava sentada no chão. Urtiga ajoelhava a seu lado e Paciência estava em pé, a abanar um pano à frente dela. Havia no quarto um cheiro pungente a ervas vivificantes e um pequeno frasco de vidro rolara pelo chão, caído de lado. A um canto estavam duas criadas, claramente mandadas afastar pela língua afiada de Paciência. “O que aconteceu?”, perguntei.

“Desmaiei.” Moli soou ao mesmo tempo aborrecida e envergonhada. “Que tolíce a minha. Ajuda-me a levantar, Tomé.”

“Claro,” disse eu, tentando esconder a minha consternação. Estendi-lhe a mão e ela apoiou-se pesadamente em mim enquanto a puxava para a pôr em pé. Ela cambaleou levemente, mas escondeu-o agarrando-se ao meu braço.

“Já estou bem. Rodopios um pouco em demasia na pista de dança e talvez demasiados copos.”

Paciência e Urtiga trocaram olhares, sem se deixarem enganar.

“Tu e eu talvez devêssemos deixar a nossa noite chegar ao fim. A Urtiga e os rapazes podem cumprir os deveres da casa.”

“Disparate!”, exclamou Moli. Depois ergueu o olhar para mim, ainda com os olhos um pouco desfocados, e acrescentou: “A não ser que estejas cansado. Estás?”

“Estou,” menti com perícia, escondendo o meu crescente alarme. “Tantas pessoas no mesmo sítio! E temos mais três dias disto, pelo menos. Vai haver tempo com fartura para conversas, comida e música.”

“Bem. Se estás cansado, então, meu amor, eu vou fazer-te a vontade.”

Paciência dirigiu-me o mais minúsculo dos acenos e acrescentou: “Eu vou fazer o mesmo, queridos. Cama para estes velhos ossos, mas amanhã vou usar os chinelos de dança!”

“Nesse caso estou avisado!”, concordei, e submeti-me a uma pancada do leque dela. Enquanto eu virava a mãe para a porta, Urtiga deitou-me um olhar de gratidão. Soube que ela me puxaria de parte no dia seguinte para uma conversa discreta, e também soube que não tinha respostas para lhe dar, além de tanto a mãe dela como eu estarmos a envelhecer.

Moli apoiou-se no meu braço enquanto caminhávamos calmamente pelos corredores. O nosso caminho levava-nos a passar pela festa, onde convidados nos atrasaram com breves fragmentos de conversa, elogios pela comida e a música e desejos de uma boa noite. Eu sentia a exaustão de Moli nos seus pés arrastados e respostas lentas mas, como sempre, foi a Dama Moli para os nossos convidados. Por fim consegui libertá-la deles. Coxeámos lentamente pela escada acima, com Moli apoiada em mim e, quando chegámos à porta do nosso quarto, ela soltou um suspiro audível de alívio. “Não sei porque estou tão cansada,” queixou-se. “Não bebi assim tanto. E agora estraguei tudo.”

“Não estragaste nada,” contestei e abri a porta, descobrindo que o nosso quarto fora transformado. Cortinas de hera confinavam a nossa cama e galhos de perenifólias agraciavam a prateleira da lareira e perfumavam o ar. As grossas velas amarelas que ardiam por todo o quarto soltavam odores

a gaultéria e baga de loureiro. Havia uma colcha nova na cama e cortinados a combinar, tudo feito com os verdes e amarelos-dourados de Floresta Mirrada, com folhas de salgueiro entrelaçadas como motivos. Fiquei espantado. “Quando foi que encontraste tempo para arranjar tudo isto?”

“O nosso novo mordomo é um homem de muitos talentos,” respondeu ela, sorrindo, mas depois suspirou e disse: “Julguei que vínhamos para aqui depois da meia-noite, bêbados de dança, música e vinho. Planeei seduzir-te.”

Antes de eu ter tempo para responder, acrescentou: “Sei que nos últimos tempos não tenho sido tão ardente como já fui. Às vezes sinto-me o casco seco de uma mulher, agora que não há qualquer hipótese de alguma vez te dar outro filho. Achei que esta noite podíamos recuperar, durante algum tempo... Mas agora sinto a cabeça oca e não de uma forma agradável. Fitz, acho que esta noite não vou fazer nada na cama além de dormir a teu lado.” Largou-me e deu alguns passos cambaleantes até se afundar à beirinha da cama. Os dedos atarefaram-se desajeitadamente com as fitas da túnica.

“Deixa-me ajudar-te com isso,” ofereci. Ela ergueu uma sobancelha para mim. “Sem pensar em mais nada!”, assegurei-lhe. “Moli, só ter-te a dormir a meu lado todas as noites é o cumprir de um sonho meu de muitos anos. Há tempo bastante para mais quando não estiveres exausta.” Desatei as fitas que a confinavam e ela suspirou enquanto eu lhe despia aquela peça de roupa. Os botões da blusa eram umas coisinhas minúsculas feitas de madrepérola. Ela afastou com uma sapatada os meus dedos desajeitados para os abrir e depois pôs-se em pé. Mostrou muito pouco da sua natureza arrumada quando deixou as saias caírem simplesmente em cima da roupa despida. Eu tinha encontrado e trazido uma camisa de dormir suave. Ela enfiou-a pela cabeça e a camisa prendeu-se na coroa de azevinho que trazia no cabelo. Eu desprendi-a suavemente e sorri ao contemplar a mulher em que a minha querida Moli Saia-Vermelha se transformara. Um Festival de Inverno de muito tempo atrás veio-me à mente, como tenho a certeza veio à dela. Mas ela voltou a deixar-se cair para se sentar à beirinha da cama. Vi os sulcos na sua testa. Ergueu a mão para a esfregar. “Fitz, tenho tanta pena. Estraguei tudo o que tinha planeado.”

“Tolice. Vá. Deixa-me aconchegar-te.”

Ela agarrou-me no ombro para se levantar e cambaleou enquanto eu abria a cama para a receber. “Para dentro,” disse-lhe, e ela não deu nenhuma resposta atrevida, limitando-se a soltar um grande suspiro ao sentar-se, a

estender-se na cama e a erguer os pés do chão. Fechou os olhos. “O quarto anda às voltas. E não é vinho.”

Eu sentei-me à beira da cama e peguei-lhe na mão. Ela franziu o sobrolho. “Fica quieto. Qualquer movimento faz o quarto girar mais depressa.”

“Passará,” disse-lhe, esperando que fosse verdade, e fiquei muito imóvel. Observei-a. As velas ardiam firmemente, libertando as fragrâncias que ela imbuíra nelas durante o verão anterior. O fogo na lareira crepitava, as chamas consumiam a lenha cuidadosamente empilhada. Lentamente, as rugas de desconforto na sua cara foram-se atenuando. A sua respiração tornou-se mais firme. O caráter furtivo e a paciência do meu treino de juventude sustentaram-me. Fui muito gradualmente aliviando o peso que estava a colocar sobre a beira da cama e, quando finalmente me levantei da cama, duvidei que ela tivesse chegado a sentir algum movimento, pois continuou a dormir.

Percorri o quarto como um fantasma, extinguindo todas as velas à exceção de duas. Espevitei o fogo, acrescentei outro lenho e pus o guarda-fogo à frente da lareira. Não tinha sono, nem sequer me sentia cansado. Não tinha qualquer desejo de regressar à festa ou de explicar por que motivo eu lá estava e Moli não. Fiquei mais algum tempo parado, com o fogo a aquecer-me as costas. Moli era uma silhueta por detrás das cortinas quase fechadas da cama. As chamas crepitavam e os meus ouvidos quase foram capazes de distinguir o beijo da neve soprada pelo vento a bater nas janelas dos ruídos dos divertimentos que prosseguiam lá em baixo. Despi lentamente a roupa festiva e recuperei o conforto das bragas e túnica que me eram familiares. Depois saí do quarto em silêncio, fechando lentamente a porta atrás de mim.

Não desci pela escada principal. Em vez disso segui um caminho indireto, por uma das escadas para criados que havia nas traseiras e por um corredor praticamente deserto, até chegar finalmente ao meu covil privado. Destranquei as portas altas e esgueirei-me para dentro. Os restos do fogo na lareira eram uns quantos carvões pestanejantes. Despertei-os com umas quantas bolas de papel que tirei da secretária, queimando as inúteis reflexões daquela manhã e acrescentando depois mais combustível. Dirigi-me para a secretária, sentei-me e puxei para mim uma folha de papel em branco. Fitei-a e perguntei a mim mesmo: Por que não queimá-la simplesmente já? Para quê escrever nela, fitar as palavras e depois queimá-la? Restaria mesmo alguma coisa em mim que só pudesse confiar ao papel? Tinha a vida que sonhara: o lar, a mulher que amava, os filhos crescidos. O

Castelo de Torre do Cervo respeitava-me. Aquele era o refúgio calmo com que sempre sonhara. Passara-se mais de uma década desde que eu sequer pensara em matar alguém. Pousei a pena e recostei-me na cadeira.

Uma batida na porta sobressaltou-me. Endireitei-me na cabeça e olhei instintivamente para a sala em volta, perguntando a mim mesmo se haveria alguma coisa que devesse esconder à pressa. Tolice. “Quem é?” Quem, além de Moli, Urtiga ou Enigma, saberia que eu estava ali? E nenhum deles teria batido primeiro.

“É o Pândego, senhor!” A voz dele parecia abalada.

Levantei-me. “Entra! Que se passa?”

Ele estava sem fôlego e pálido quando abriu a porta e parou enquadrado nela. “Não sei. O Enigma mandou-me a correr. Disse: ‘Vinde, vinde imediatamente ao gabinete da propriedade.’ Onde eu deixei a mensageira. Oh, senhor. Há lá sangue no chão e não há sinal dela.” Encheu, trémulo e ruidoso, os pulmões de ar. “Oh, senhor, lamento tanto. Ofereci-lhe um quarto mas ela disse que não, e...”

“Comigo, Pândego”, disse eu, como se ele fosse um guarda e estivesse às minhas ordens. A ordem brusca tornou-o mais pálido, mas endireitou-se um pouco mais, contente por me ceder todas as decisões. As minhas mãos moveram-se por instinto, confirmando algumas pequenas armas ocultas que nunca tinham deixado de andar comigo. Depois partimos a correr pelos corredores de Floresta Mirrada. Sangue derramado na minha casa. Sangue derramado por alguém que não eu... e não Enigma, caso contrário ele tê-lo-ia limpado discretamente em vez de me chamar. Violência na minha casa, contra um convidado. Combati a fúria cega que cresceu em mim, sufoquei-a com ira gelada. Eles iam morrer. Quem quer que tivesse feito aquilo ia morrer.

Levei-o por um caminho indireto que evitava passagens onde poderíamos encontrar convivas e cheguei ao gabinete da propriedade depois de só interromper um jovem casal indiscreto e de assustar um jovem bêbado que procurava um lugar para dormir. Censurei-me pela quantidade de pessoas que deixara entrar em minha casa, pela quantidade de pessoas sobre as quais só conhecia o rosto ou o nome.

E Moli estava a dormir sozinha e desprotegida.

Derrapei até parar à porta do gabinete. A minha voz soou rouca de ira quando peguei numa faca perigosa que estivera atada ao meu antebraço e a empurrei para as mãos de Pândego. Ele cambaleou um passo para trás, assustado. “Pega nela,” bradei. “Vai para o meu quarto. Vigia a minha

senhora, assegura-te de que dorme sem ser perturbada. Depois põe-te à porta e mata qualquer um que tente entrar. Compreendes-me?”

“Senhor.” Ele tossiu e depois engoliu em seco. “Eu já tenho uma faca, senhor. O Enigma obrigou-me a levá-la.” Tirou-a desajeitadamente de dentro do imaculado casaco. Tinha o dobro do comprimento daquela que lhe oferecera, uma arma honrosa em vez de uma amiguinha de assassino.

“Então vai,” disse-lhe e ele obedeceu.

Tamborilei na porta com as pontas dos dedos, sabendo que Enigma me reconhecera assim, e depois esgueirei-me para dentro. Enigma endireitou-se lentamente onde se agachara. “Urtiga mandou-me vir buscar uma garrafa do brande bom que, segundo ela, tinhas aqui. Queria oferecer um pouco a Dom Galopino. Quando vi os papéis no chão, e depois o sangue, mandei Pândego à tua procura. Olha para aqui.”

Pândego tinha trazido comida e vinho à mensageira e servira-os sobre a minha secretária. Porque teria ela declinado ir para um quarto de hóspedes ou juntar-se a nós no Grande Salão? Saberá que estava em perigo? Estimei que pelo menos tinha comido parte da comida, antes de a bandeja ter sido atirada ao chão com alguns papéis que estavam na secretária. O copo de vinho caído não se partira, mas deixara uma meia-lua de vinho derramado na pedra escura polida do chão. E em volta dessa lua estava uma constelação de estrelas de sangue. Fora uma lâmina brandida a espalhar essas gotas vermelhas.

Levantei-me e passei o olhar pelo estúdio. Era tudo. Nada de gavetas pilhadas, nada deslocado nem roubado. Não havia nem uma coisa fora do lugar. O sangue não era suficiente para ela ter morrido ali, mas não havia sinal de mais luta. Trocámos um olhar em silêncio e, como um só, deslocámo-nos até às portadas cobertas por pesados cortinados. Durante o verão, eu por vezes abria-as de par em par para observar um jardim cheio de urzes para as abelhas de Moli. Enigma começou a afastar o cortinado para um lado, mas ele prendeu-se. “Uma dobra do cortinado está presa na porta. Saíram por aqui.”

De facas em punho, abrimos as portadas e olhámos para a neve e a escuridão. Metade de uma pegada permanecia onde a caleira a havia abrigado parcialmente. Os outros rastros mal chegavam a ser covinhas na neve soprada pelo vento. Enquanto ali estávamos, outra rajada passou por nós, como se o próprio vento tentasse ajudá-los a escapar-se-nos. Eu e Enigma fitámos a tempestade. “Dois ou mais,” disse ele, examinando o que restava do rasto.

“Vamos, antes que desapareça por completo,” sugeri.

Ele deitou um olhar tristonho às finas e esvoaçantes saias-calças que tinha vestidas. “Muito bem.”

“Não. Espera. Dá uma volta pela festa. Vê o que consegues ver e pede a Urtiga e aos rapazes para terem cautela.” Fiz uma pausa. “Umhas pessoas estranhas vieram bater-nos à porta esta noite, dizendo ser menstréis. Mas Paciência disse que não as tinha contratado. O Teio falou brevemente com um elemento dos forasteiros. Começou a dizer-me o que ela tinha dito, mas eu fui chamado. Andavam à procura de alguém, pelo menos isso era óbvio.”

A expressão dele ensombrou-se. Virou-se para se ir embora e depois voltou a virar-se. “Moli?”

“Pus o Pândego à porta dela.”

Ele fez uma careta. “Vou primeiro ver como eles estão. O Pândego tem potencial, mas por agora é só potencial.” Deu um passo para a porta.

“Enigma.” A minha voz fê-lo parar. Tirei a garrafa de brande da prateleira e entreguei-lha. “Que ninguém pense que há alguma coisa errada. Conta a Urtiga, se achares que é sensato.”

Ele concordou com a cabeça. Eu respondi ao aceno e, enquanto ele saía, peguei numa espada que pendurara da prateleira da lareira. Agora era decoração, mas em tempos fora uma arma e voltaria a sê-lo. Tinha um bom peso. Não havia tempo para manto ou botas. Não havia tempo para ir buscar uma lanterna ou archote. Saí para a neve, de espada na mão, com a luz das portas abertas atrás de mim. Bastaram vinte passos para saber tudo o que precisava de saber. O vento apagara por completo os rastros deles. Parei, fitando as trevas, atirando-me de Manha aberta para a noite. Nenhum ser humano. Duas criaturas pequenas, provavelmente coelhos, tinham-se encolhido ao abrigo de uns arbustos envoltos em neve. Mas era tudo. Nada de rastros, e quem quer que tivesse feito aquilo já estava longe da minha vista e fora do alcance da minha Manha. E se fossem os forasteiros, parecia que a minha Manha não os poderia ter encontrado mesmo se estivessem por perto.

Voltei para o refúgio, sacudindo a neve dos sapatos húmidos antes de entrar. Fechei a portada atrás de mim e deixei o cortinado cair. A minha mensageira e a sua mensagem tinham desaparecido. Morta? Ou em fuga? Teria alguém saído pela porta ou teria sido ela a deixar alguém entrar? O sangue no chão seria dela ou de mais alguém? A fúria que a ideia de alguém poder exercer violência sobre uma convidada em minha casa me fizera sentir antes voltou a incendiar-se em mim. Suprimi-a. Mais tarde talvez lhe cedesse. Quando tivesse um alvo.

Encontra o alvo.

Abandonei o gabinete, fechando a porta atrás de mim. Desloquei-me rápida e silenciosamente, com os anos, a dignidade e a atual posição social postos de parte e apagados. Não fiz qualquer som e não levei nenhuma luz comigo. Mantive a espada à ilharga. Primeiro até ao meu quarto. Construí castelos de pensamentos enquanto corria. A mensageira procurara-me. Independentemente de ser atacante ou atacada, poderia ser eu o alvo para a violência. Fluí pela escada acima como um gato à caça, com todos os sentidos a arder e em estado puro. Tomei consciência de que Pândego mantinha a sua vigília à porta muito antes de ele saber que eu me aproximava. Levei um dedo aos lábios ao aproximar-me. Ele sobressaltou-se quando me viu, mas conservou o silêncio. Aproximei-me mais. “Está tudo bem aqui?” Sussurrei a pergunta.

Ele confirmou com a cabeça e respondeu igualmente baixo: “O Enigma esteve aqui não há muito tempo, senhor, e insistiu que o deixasse entrar para se assegurar de que estava tudo bem com a senhora.” E fitou a espada.

“E estava?”

O olhar dele voltou a saltar para mim. “Claro, senhor! Estaria eu tão calmamente aqui se não estivesse?”

“Claro que não. Perdoa-me a pergunta. Pândego, por favor, fica aqui até eu voltar para te mandar embora, ou enviar Enigma ou um dos filhos de Moli.” Ofereci-lhe a espada. Ele aceitou-a, pegando nela como se fosse um atizador. Afastou os olhos da espada e olhou para mim.

“Mas os nossos convidados...”, começou, debilmente.

“Nunca são tão importantes como a nossa senhora. Guarda esta porta, Pândego.”

“Guardarei, senhor.”

Refleti que ele merecia mais do que uma ordem. “Ainda não sabemos de quem era o sangue derramado. Alguém usou as portadas do gabinete que dão para o jardim. Não sei se para entrar ou para sair. Fala-me mais um pouco da aparência da mensageira.”

Ele mordeu o lábio superior, arrancando a informação à memória. “Era uma rapariga, senhor. Quer dizer, mais rapariga que mulher. Pequena e magra. O cabelo era louro e usava-o solto. A roupa parecia ter sido de boa qualidade, mas tinha sido muito usada. Tinha um corte estranho, a capa afunilava à cintura e depois enfunava, com mangas que também enfunavam. Era verde e parecia pesada mas não parecia ser lã. Havia pele na bainha do capuz, de uma espécie que eu não conheço. Ofereci-me para guardar o manto e o capuz, mas ela não mos quis dar. Usava calças largas,

talvez do mesmo tecido, mas pretas com flores brancas nelas desenhadas. As botas não lhe chegavam ao joelho e pareciam estreitas e estavam atadas mesmo até cima.”

Tanto detalhe sobre vestuário! “Mas qual era o aspeto que ela tinha?”

“Era nova. Parecia branca de frio e pareceu grata quando espevitei o fogo e lhe ofereci chá quente. Os dedos eram brancos como gelo em comparação com a caneca, quando ma tirou da mão...” A sua voz silenciou-se. Ergueu de súbito o olhar para mim. “Ela não quis sair do gabinete, senhor. Nem entregar o manto. Eu devia ter percebido que estava assustada?”

Teria Enigma realmente pensado que conseguiria fazer daquele homem mais do que um criado doméstico? Havia lágrimas nos seus olhos castanhos. “Pândego, fizeste tudo o que devias ter feito. Se alguém tem culpas, sou eu. Eu devia ter ido ao gabinete assim que ouvi dizer que havia uma mensageira. Por favor, mantém-te aqui de guarda um pouco mais até eu mandar alguém para te substituir. Depois deverás voltar para o que fazes melhor. Cuidar dos nossos convidados. Que ninguém suspeite de que há alguma coisa errada.”

“Eu posso fazer isso, senhor.” Falava em voz baixa. A censura nos seus olhos de cachorro seria dirigida a mim ou a si próprio? Não havia tempo para pensar nisso.

“Obrigado, Pândego,” disse-lhe e deixei-o com uma palmada no ombro. Percorri rapidamente o corredor, já em busca de Urtiga com a magia do Talento. No momento em que os nossos pensamentos se tocaram, a indignação da minha filha entrou-me de rompão na mente. *O Enigma contou-me. Como é que alguém se atreve a fazer isto em nossa casa? A mãe está em segurança?*

*Está. Eu vou para baixo. Pândego está de guarda à porta dela, mas eu gostava que tu ou um dos rapazes tomassem o lugar dele.*

*Eu. Vou oferecer as minhas desculpas e subo já.* Um segundo de pausa, e depois, com ferocidade: *Descobre quem fez isto!*

*Tenciono descobrir.*

Julgo que ela acolheu com satisfação a minha fria garantia.

Avancei rapidamente pelos corredores de Floresta Mirrada, com todos os sentidos alerta. Não me surpreendi quando virei uma esquina e encontrei Enigma à minha espera. “Alguma coisa?”, perguntei-lhe.

“Urtiga subiu para o quarto da mãe.” Olhou para trás de mim. “Sabes que provavelmente eras tu o alvo, de alguma forma?”

“Talvez. Ou então era a própria mensageira, ou a mensagem que trazia,

ou foi alguém a tentar causar dano a quem enviou a mensagem, atrasando-a ou destruindo-a.”

Estávamos a caminhar rapidamente juntos, trotando lado a lado como lobos a seguir um rasto.

Eu adorava aquilo.

Aquele pensamento montou-me uma emboscada e eu quase tropecei. Eu adorava aquilo? Caçar alguém que tinha atacado outra pessoa no santuário da minha casa? Porque haveria eu de adorar tal coisa?

*Nós sempre adorámos a caçada.* Um antigo eco do lobo que eu fora e do lobo que ainda estava comigo. *A caçada por carne é melhor, mas qualquer caçada é sempre a caçada, e nunca estamos tão vivos como durante a caçada.*

“E eu estou vivo.”

Enigma deitou-me um olhar de interrogação, mas em vez de fazer uma pergunta, forneceu-me informação. “Foi o próprio Pândego que levou a comida e o chá à mensageira. Os dois pajens que estavam à porta da frente lembram-se de a terem deixado entrar. Chegou a pé e um diz que pareceu vir de trás do estábulo e não pelo caminho da entrada. Ninguém mais a viu, embora o pessoal da cozinha se lembre de fazer uma bandeja para ela, claro. Não tive oportunidade de ir aos estábulos e ver o que sabem lá.”

Baixei o olhar para mim. Não estava propriamente vestido para aparecer em frente dos nossos convidados. “Eu faço isso agora,” disse. “Alerta os rapazes.”

“Tens a certeza?”

“A casa é deles, Enigma. E já não são realmente rapazes. Nos últimos três meses têm andado a falar em irem-se embora. Acho que vão levantar voo na primavera.”

“E tu vais deixar de ter alguém em quem confiar. Tomé, quando isto acabar, vamos voltar a conversar. Precisas de uns quantos soldados domésticos, de alguns homens que possam ser brutos quando a situação o exigir, mas sejam também capazes de abrir uma porta e servir vinho a um convidado.”

“Conversamos mais tarde,” concordei, mas de mau grado. Não era a primeira vez que ele me fazia notar que eu devia ter alguma espécie de guarda doméstica para Floresta Mirrada. Eu resistia à ideia. Já não era um assassino, já não vivia para proteger o meu rei e executar o seu trabalho discreto. Agora era um proprietário respeitável, um homem de uvas e ovelhas, um homem de arados e tesouras de tosquiar, não de facas e espadas. E havia, tinha de o admitir, a minha presunção de que conseguiria sempre

proteger a minha casa contra todas as limitadas ameaças que conseguissem encontrar o caminho até à minha porta.

Mas naquela noite não conseguira.

Deixei Enigma e trotei pelos corredores a caminho dos estábulos. Não havia, disse a mim mesmo, nenhuma indicação real de que o derramamento de sangue que tinha ocorrido fosse mortal. E também não tinha de estar relacionado comigo ou com os meus. Era possível que a mensageira tivesse inimigos seus que a tivessem seguido. Cheguei a uma entrada de criados, abri a pesada porta e atravessei o pátio coberto de neve, numa correria até à porta do estábulo. Mesmo naquela breve corrida fiquei com neve na nuca e na boca. Fiz deslizar a tranca das portas do estábulo e abri-as só o suficiente para me esgueirar para dentro.

No interior havia o calor dos animais, o cheiro agradável dos cavalos e uma luz suave vinda de uma lanterna protegida pendurada de um gancho. Em resposta à minha entrada, Altomem já vinha a coxear na minha direção. O filho, Maisaltomem, supervisionava agora a maior parte do trabalho nos estábulos, mas Altomem ainda se considerava o responsável. Em dias em que havia muitas idas e vindas, como naquela noite, ele controlava rigorosamente que animais estavam alojados onde. Tinha sentimentos fortes sobre juntas que eram deixadas a noite inteira aparelhadas. Espreitou-me à luz sombria do estábulo e depois sobressaltou-se ao reconhecer-me. “Depositário Tomé!”, gritou na sua voz de cana rachada. “O senhor não devia estar a dançar com a gente fina no Grande Salão?”

Como acontecia com muitos outros anciões, os anos tinham diminuído a sua consideração pelas diferenças entre os nossos estatutos sociais. Ou talvez fosse por ter visto que eu era capaz de limpar uma baia à pazada com os melhores dos homens e em consequência me respeitava como um igual. “Em breve,” respondi. “A dança vai continuar até nascer o dia, sabes? Mas achei que podia dar uma volta até aqui e assegurar-me de que tudo está bem nos estábulos apesar desta tempestade.”

“Aqui está tudo bem. Este estábulo foi construído de forma robusta há duas décadas, e calculo que vá ficar em pé mais uma dúzia.”

Acenei com a cabeça. “O mordomo Pândego disse-me que tiveram aqui visitantes esta noite, uns visitantes que te deixaram perturbado.”

O olhar interrogador dele transformou-se numa carranca. “Sim. Quando alguém age como um ladrão de cavalos, eu falo-lhe como se fosse um ladrão de cavalos. Não venham espreitar e meter o nariz nos meus estábulos para depois me dizerem que são menestréis. Eles eram tão menestréis

como ali o *Cobre* é um pônei. Não me cheiraram bem e levei-os diretamente para a porta.” Olhou para mim. “Aquele tipo, o Pândego, devia tê-lo avisado. Não os deixou entrar, pois não?”

Era difícil admiti-lo. Confirmei com um aceno de cabeça. “Estamos no Festival de Inverno. Deixei entrar toda a gente.” Pigarreei ao vê-lo baixar o olhar. “Mas antes disso. Reparaste em mais alguém aqui nos estábulos, alguém estranho?”

“O senhor está a falar da estrangeira?”

Confirmei com a cabeça.

“Só ela. Entrou aqui como se achasse que isto era a casa. ‘Tenho de falar com o amo,’ disse ela a um dos cavaleiros, portanto ele trouxe-a a mim julgando que era comigo que queria falar. Mas ela olhou para mim e disse: ‘Não, o amo com o nariz torto e o cabelo de texugo.’ Portanto, se o senhor nos perdoar, percebemos que falava de si e mandámo-la para a casa.”

Deixei cair a mão depois de tocar a cana do nariz e a velha quebra que aí tinha. Aquilo estava a tornar-se cada vez mais estranho. Uma mensageira desaparecida que tinha vindo à minha procura só com uma descrição em vez do meu nome. “E é tudo?”, perguntei.

Ele franziu o sobrolho, pensativo. “Sim. A menos que queria ouvir falar de o Mercador Algodes tentar levar-me a pôr os cavalos dele aqui no estábulo, quando os dois mostram sinais de rabugem. Pobres criaturas. Abriguei-as no barracão da lenha, e não vão chegar nem perto dos nossos animais. E se o condutor dele quiser queixar-se, digo-lhe o que penso da maneira como cuida dos cavalos.” Olhou ferozmente para mim, como se eu fosse desafiar a sua sabedoria.

Sorri-lhe. “Uma pequena bondade, Altomem, a bem dos cavalos. Faz-lhes um embrulho com um pouco daquele linimento que sabes fazer.”

Ele fitou-me um momento, após o que fez um curto aceno. “Posso fazer isso. Não é culpa dos bichos serem maltratados.”

Comecei a ir-me embora, depois voltei para trás. “Altomem. Quanto tempo passou entre a chegada da rapariga e dos três que tomaste por ladrões de cavalos?”

Ele ergueu os ombros magros e depois deixou-os cair. “Ela apareceu antes de o Coife Biqueiro chegar. Depois chegou aquele tipo, o alfaiate, e as irmãs Salgueiro com os seus pôneis iguais. Aquelas damas nunca andam de carruagem, pois não? Depois os moços Tanoeiro com a mãe e...”

Atrevi-me a interrompê-lo. “Altomem. Achas que eles vinham a segui-la?”

Ele parou. Esperei impacientemente enquanto o homem sopesava o

que sabia. Depois anuiu, de boca apertada. “Eu devia ter percebido isso sozinho. Tinham a mesma espécie de botas, e vieram diretamente para o estábulo e estavam a tentar espreitar para dentro. Não vinham à procura de cavalos para roubar, mas seguiam aquela rapariga.” Os seus olhos encontraram os meus, zangados. “Fizeram-lhe mal?”

“Não sei, Altomem. Ela desapareceu. Vou ver se aqueles três ainda cá estão.”

“Faça isso, senhor. Se não estiverem cá, não podem estar longe, com um tempo destes. Quer que eu mande um moço à Quinta do Coronhal e peça emprestados os cães pisteiros deles?” Abanou a cabeça e acrescentou com amargura: “Já disse montes de vezes que não nos fazia mal nenhum termos a nossa própria matilha de caça.”

“Obrigado, Altomem, mas nada de cães. Com a maneira como a neve está a cair, duvido que haja algum trilho para seguir.”

“Se mudar de ideias, Tomé, informe-me. Posso mandar o meu filho ir buscar aqueles cães num segundo. E”, e agora estava a gritar enquanto eu batia em retirada, “se ganhar juízo quanto a manter cães seus, informe-me! Conheço uma cadela fantástica, podemos ter os cachorros dela na primavera! Informe-me!”

“Mais tarde, Altomem!”, gritei-lhe e fiquei com a boca cheia de neve por me ter dado a esse trabalho. A neve continuava a cair e o vento estava a aumentar. De súbito tive a certeza de que aqueles que procurava estavam ainda em Floresta Mirrada. Ninguém estaria desesperado o suficiente para tentar fugir durante aquela tempestade. Estendi-me para Urtiga. *Continua tudo bem com a tua mãe?*

*Deixei-a a dormir, com o Cadinho sentado numa cadeira ao lado da lareira dela. Disse-lhe para trancar a porta atrás de mim e ouvi-o a obedecer. Estou com Enigma, Justo e os nossos convidados. Não descobrimos nada fora do comum. Não há sinal da mensageira.*

Morta? Em fuga? Escondida em Floresta Mirrada? Tinha de ser uma destas três possibilidades. *Houve três menestréis que chegaram tarde. Dois homens e uma mulher. O Teio pareceu perturbado por eles. Ainda estão entre os convidados? Criei uma imagem mental dos três.*

*Vi-os há algum tempo. Mas não me pareceram músicos e não se comportaram como tal. Não deram nenhuma indicação de querer a sua vez no estrado.*

*Manda-me o Justo, por favor. Vamos passar uma busca rápida pelas alas desocupadas. E informa-me se tu e o Enigma encontrarem esses desconhecidos.*

Eu e Justo dividimos Floresta Mirrada e fomos procurar sala a sala por algum sinal de intrusão nas áreas desocupadas do solar. Não era uma tarefa fácil no velho casarão cheio de recantos, e eu contei tanto com a Manha como com os olhos para me informar de que uma sala estava realmente vazia. Urtiga e Enigma não encontraram sinal dos três forasteiros e, quando ela perguntou aos outros convidados se os tinham visto, as respostas foram tão desconstruídas que se tornaram inúteis. Até os criados, que por vezes me irritavam com a grande atenção que prestavam ao que a família ia fazendo, nada tinham a relatar. Os três e a mensageira tinham desaparecido tão completamente como se nem tivessem chegado a visitar-nos.

Já a madrugada ia avançada, já os nossos convidados estavam saciados de comida e música e partiam para as respetivas casas ou procuravam os aposentos que lhes tínhamos oferecido, quando pus fim à busca. Enigma e os rapazes juntaram-se a Pândego para se assegurarem de que todas as portas exteriores estavam bem fechadas para o resto da noite e depois fizeram uma discreta patrulha da ala sul, onde tínhamos alojado os convidados. Enquanto estavam a fazê-lo, decidi escapular-me para o meu covil privativo na ala ocidental. Aí podia ter acesso a uma rede de espionagem cuja existência só Paciência, Moli e eu conhecíamos. Era a minha vil intenção vaguear por lá naquela noite e espreitar os nossos convidados adormecidos, para ver se alguém oferecera aos forasteiros abrigo no seu quarto.

Era essa a minha intenção. Mas quando cheguei à porta do meu gabinete, os pelos da nuca puseram-se-me em pé. Mesmo antes de tocar na maçaneta, soube que não estava propriamente trancada. Contudo, lembrava-me claramente de ter fechado a porta atrás de mim antes de ter seguido Pândego para me ir juntar a Enigma. Alguém estivera ali desde a última vez que eu de lá saíra.

Puxei pela faca antes de abrir a porta. O interior da sala estava mal iluminado por velas prestes a apagarem-se e por um fogo fraco na lareira. Fiquei algum tempo parado, a explorar a sala com os sentidos. Não estava ninguém lá dentro, disse-me a Manha, mas lembrei-me de que, horas antes, os forasteiros tinham sido quase transparentes para Teio, um homem com uma magia muito melhor sintonizada do que a que eu possuía. Por isso fiquei parado, de orelhas arrebitadas, e esperei. Contudo, foi o que cheirei que me enfureceu. Sangue. No meu covil.

A faca seguiu à frente quando avancei. Com a mão livre, acendi uma nova vela e espreitei o fogo. Depois fiquei imóvel, olhando para a sala em

volta. Eles tinham estado ali. Tinham vindo até ali, ao meu covil, ainda com o sangue de alguém húmido neles.

Se Breu não me tivesse treinado com mil exercícios para recordar uma sala exatamente como a tinha deixado, a passagem deles poderia ter-me passado despercebida. Senti o cheiro de uma pincelada de sangue no canto da secretária e havia uma pequena mancha de um vermelho que já ia acastanhando onde os meus papéis tinham sido remexidos. Mas mesmo sem o odor do sangue e os seus minúsculos vestígios, saberia que eles tinham estado ali, a tocar os meus papéis, a deslocar o rolo que eu estivera a traduzir. Tinham tentado abrir a gaveta da secretária mas não haviam descoberto a lingueta oculta. Alguém pegara na estatueta de pedra da memória que o Bobo fizera para mim décadas antes e voltara a pousá-la na prateleira da lazeira com a face que mostrava a minha cara a fitar a sala. Quando lhe peguei para corrigir a posição, o meu lábio contraiu-se num rosnyido. Na imagem do Bobo, um polegar desajeitado tinha deixado uma mancha de sangue na bochecha. A onda de fúria que senti não foi racional.

Quando ergui a pedra, senti a maré de memórias nela armazenadas. As últimas palavras que o Bobo me dissera, guardadas na pedra, puxaram-me pelas recordações. “Nunca fui sensato,” dissera ele. Um lembrete da temeridade das nossas juventudes ou uma promessa de que um dia ele ignoraria a cautela e regressaria? Fechei a mente a essa mensagem. Agora não.

E, de forma insensata, tentei limpar o sangue da cara dele com o polegar.

A pedra da memória é um material peculiar. Antigamente, os círculos de Talento viajavam até uma distante pedreira no Reino da Montanha, onde esculpiam com ela dragões, imbuindo a pedra com as suas memórias antes de serem absorvidos nas suas criações para lhes fornecer uma aparência de vida. Eu vira isso acontecer, uma vez. Veracidade, o meu rei, oferecera-se a um dragão de pedra e depois levantara voo, sob essa forma, para ir levar terror e guerra aos inimigos dos Seis Ducados. Na Ilha de Aslevjal, eu descobrira que pequenos cubos desse reluzente material negro tinham sido usados pelos Antigos para armazenar canções e poesia.

Eu próprio despertara os dragões adormecidos de gerações anteriores com uma oferenda de sangue e um chamado às armas que fora envolto ao mesmo tempo em Manha e Talento para formar uma só magia.

Sangue sobre pedra de memória e o meu toque. O Talento e a Manha a ferver dentro de mim. A mancha de sangue afundou-se na pedra.

O Bobo escancarou a boca e gritou. Vi os seus lábios esticar-se, os dentes descobertos, a língua hirta. Vi um guincho de irremível agonia.

Nenhum som me chegou aos ouvidos. Foi mais íntimo do que isso. Sem fonte e prolongada, a infindável, inevitável, implacável agonia da tortura sistemática submergiu-me. Encheu-me por completo o corpo e queimou-me a pele como se eu fosse um copo a transbordar de negro desespero. Era demasiado familiar, pois não se tratava da dor aguda de um tormento físico, mas sim do esmagador afogamento da mente e da alma ao saber-se que nada podia evitar aquela agonia. As minhas próprias recordações surgiram num coro de berros. Uma vez mais me vi estendido no chão frio de pedra das masmorras do Príncipe Majestoso, com o corpo espancado a sufocar a mente atormentada. Arranquei a consciência a essa memória, negando o vínculo. Os olhos esculpido do Bobo fitaram-me cegamente. Por um momento os nossos olhares encontraram-se, e depois tudo ficou escuro e os meus olhos queimaram. As minhas mãos trementes atrapalharam-se com a estatueta, quase a deixando cair mas apertando-a em vez disso contra o corpo enquanto tombava de joelhos. Segurei-a contra o peito, sentindo um lobo distante a erguer o focinho e a rosar de fúria. “Desculpa, desculpa, desculpa!”, balbuciei, cegamente, como se tivesse ferido o próprio Bobo. Suor jorrou de cada poro do meu corpo, deixando-me ensopado. Ainda a apertar a estatueta contra mim, caí de lado. Lentamente, a visão regressou aos meus olhos abertos e lacrimejantes. Fitei o fogo quase apagado, perseguido por imagens de instrumentos em brasa banhados de chamas, cheirando sangue novo e antigo misturado com o acre fedor do terror. Lembrei-me de como se fechavam os olhos. Senti o lobo mover-se para se vir pôr em cima de mim, ameaçando dilacerar qualquer um que se aproximasse. Lentamente, os ecos da dor foram passando. Inspirei.

O sangue tinha o poder de despertar a pedra da memória, quer esta fosse um dragão esculpido pelos Antigos ou o busto a que o Bobo dera forma. E, nessa breve conexão, eu soube que a rapariga estava morta. Sentira o seu terror por ser caçada e encurralada, a sua memória de tormentos passados e a agonia da morte. Dessa forma soube que se tratava da jovem mensageira de Pândego e não da mulher com treino militar que vira acompanhada pelos dois homens. Estes tinham-na seguido, tinham-na caçado pela minha casa e tinham-na matado. Não sabia porquê nem que mensagem haviam feito perder-se, mas ia encontrá-los e descobrir.

Rolei sobre a barriga, ainda a apertar a estatueta contra o peito. Tinha a cabeça às voltas. Pus os joelhos sob o corpo, ajoelhei-me e consegui pôr-me em pé agarrando-me ao tampo da secretária. Cambaleei até à cadeira e sentei-me. Pousei a estatueta na secretária à minha frente e olhei para ela. Não

mudara. Teria eu imaginado aquele movimento, o grito sem som e os olhos fitos do Bobo? Teria partilhado alguma experiência distante do Bobo, ou teria a estatueta exprimido o terror e a dor que a mensageira sentira com a morte?

Pensei erguer a estatueta, levá-la à testa para voltar a ver as memórias simples que ele lá armazenara para mim. Mas tinha as mãos a tremer e voltei a pousá-la na mesa. Agora não. Se, de alguma forma, fundira a dor da rapariga na pedra, não queria sabê-lo agora nem voltar a experimentar essa agonia. Naquele momento precisava de caçar.

Puxei as mangas para me cobrirem as mãos e devolvi a estatueta ao seu lugar na prateleira da lareira. Ainda um pouco trémulo, explorei o meu covil, em busca de outros sinais da presença dela, mas nada encontrei.

Alguém tinha vindo até ali, até ao meu refúgio privado, forçara as portas e mexera em alguns objetos muito pessoais. Havia poucas coisas que tocavam o coração de quem eu era como aquela estatueta, havia poucas e preciosas coisas que me amarravam a um passado em que servira o meu rei com os dois mais queridos amigos que conhecera na vida. Que alguém, um desconhecido, se tivesse atrevido a mexer nela e a tivesse profanado com sangue que derramara pôs-me à beira de uma fúria assassina, e quando pensei que a estatueta podia facilmente ter sido roubada, fiquei a ver vermelho por um momento.

Abanei furiosamente a cabeça, forçando-me à frieza. *Pensa*. Como tinham eles encontrado aquele lugar? Era óbvio. Quando Pândego fora enviado à minha procura, tinham-no seguido. Mas se encontrar-me fosse o verdadeiro objetivo, porque não teriam atacado nessa altura? E como tinha eu falhado em estar consciente deles? Seriam Forjados, como Teio suspeitara a princípio, seres humanos a quem fora arrancada toda a ligação à humanidade? Duvidava; no salão de baile eles tinham-se movido como um grupo, com uma agitação e um autocontrolo que eu nunca vira nos Forjados. Teriam, então, alguma forma de mascarar os sinais vitais? Não conhecia nenhuma magia que pudesse fazer isso. Quando o meu lobo estava vivo, tínhamos, com dificuldade, aprendido a manter as nossas comunicações privadas. Mas isso não era propriamente o mesmo que sermos capazes de nos escondermos completamente da consciência de outros Manhosos.

Pus essa preocupação de parte por um momento. Tentei alcançar Urtiga com o Talento e depressa partilhei com ela a maior parte do que ficara a saber. Não fiz qualquer menção ao sangue ou à estatueta. Isso era privado.

*Estou com a mãe. Enigma levou o Cadinho e o Justo consigo. Disse ao Justo que tinha de guardar a porta de Paciência enquanto Enigma e Cadinho verificavam todas as salas desocupadas do solar.*

*Excelente. Como está a tua mãe?*

*Ainda dorme. Tem o aspeto de sempre e eu não consigo detetar nada de errado com ela. Mas fiquei muito alarmada quando desmaiou, há bocado. Muito mais preocupada do que quis que ela visse. Quando o pai dela morreu, tinha só mais dois anos do que ela tem agora.*

*Ele tinha arruinado a saúde com a bebida e as rixas e os acidentes estúpidos que as acompanham.*

*A mãe morreu muito nova.*

Pressionei os olhos com as palmas das mãos e empurrei a testa com os dedos. Era demasiado assustador, não era capaz de pensar naquilo. *Fica aí com ela, por favor. Só tenho mais alguns sítios em que quero procurar e depois vou render-te.*

*Eu estou bem aqui. Não precisas de te apressar.*

Suspeitaria ela do que eu me preparava para fazer? Duvidava. Só eu, Paciência e Moli conhecíamos o labirinto oculto de passagens secretas em Floresta Mirrada. Embora os furos de vigia nas passagens não me permitissem examinar todos os quartos, permitir-me-iam olhar para muitos deles, para ver se algum abrigava mais hóspedes do que os que tínhamos convidado.

A alvorada estava mais próxima do que a meia-noite quando saí das passagens. Estava engrinaldado de teias de aranha, enregelado até aos ossos e fatigado. Nada descobrira, exceto que duas das criadas estavam dispostas, por sorte, capricho ou talvez algum dinheiro, a passar a noite em camas que não eram as suas. Vira uma jovem esposa a chorar para as mãos enquanto o marido ressonava ebriamente meio enfiado na cama, e um velho casal a entregar-se a um Fumo tão potente que a leve porção que foi soprada para dentro das passagens me entonteceu.

Mas dos peculiares menestréis ou do corpo da mensageira não havia nem sinal.

Regressei ao meu quarto e libertei Urtiga para ir para o dela. Não dormi nessa noite, nem sequer me deitei; sentei-me numa cadeira junto da lareira a vigiar Moli e a refletir. Teriam os intrusos sido loucos o suficiente para fugir para dentro da tempestade de neve, levando consigo o corpo da mensageira? Pelo menos um permanecera em Floresta Mirrada tempo suficiente para seguir Pândego e entrar no meu covil. Porquê? Para que

fim? Nada fora levado de lá, nenhum membro do meu pessoal fora ferido. Estava determinado a chegar ao fundo da questão.

Mas, ao longo dos dias seguintes, foi como se tivéssemos sonhado os menestréis extraviados e a mensageira. Moli recuperou para festejar, dançar e rir com os nossos convidados durante o resto do Festival de Inverno, sem sinal de doença ou fraqueza. Eu senti-me sujo por manter a informação sangrenta oculta dela, e ainda pior por ter vinculado os seus filhos ao silêncio, mas tanto Urtiga como Enigma concordaram comigo. Ela não precisava daquela preocupação adicional naquele momento.

Continuou a nevar ao longo de mais um dia e uma noite, tapando todos os sinais de alguém que pudesse ter surgido ou partido. Depois de o sangue ter sido limpo do chão, nenhum sinal restou dos nossos visitantes estrangeiros. Pândego surpreendeu-me por ser capaz de manter a língua quieta a respeito dos peculiares acontecimentos, pois Enigma, Urtiga e eu tínhamos decidido que investigações discretas poderiam render mais informação do que andar por aí a anunciar o que nos preocupava. Porém, além de alguns convidados que comentaram sobre os estrangeiros que tinham chegado à festa e partido sem partilharem nenhuma da alegria, não descobrimos nada. Teio pouco tinha a dizer que não me tivesse dito já. Achava estranho que a mulher não lhe dissesse o nome do “amigo” de que andava à procura. E era tudo.

Urtiga, Enigma e eu debatemos a possibilidade de informar Breu do incidente. Eu não queria, mas eles acabaram por me convencer. Na primeira noite calma após o Festival de Inverno, depois de os nossos convidados partirem e Floresta Mirrada ficar comparativamente sossegada, fui para o meu escritório. Urtiga acompanhou-me e Enigma veio com ela. Sentámo-nos, ela uniu os pensamentos aos meus e, juntos, contámos a nossa história a Breu através do Talento. Urtiga foi uma presença silenciosa enquanto eu apresentava o meu relatório detalhado. Julgara que ela talvez fornecesse mais detalhes, mas tudo o que senti vindo dela foi uma calma confirmação do meu relato. Breu fez poucas perguntas, mas eu senti-o a armazenar todos os detalhes. Sabia que ele recolheria toda a informação que conseguisse com a sua extensa rede de espiões e a partilharia comigo. Mesmo assim, fiquei surpreendido quando ele disse: “Aconselho-te a esperar. Alguém enviou a mensageira e esse alguém poderá voltar a tentar contactar-te quando a mensageira não regressar. O Enigma que vá a Mirra e passe algum tempo e algumas noites nas tabernas de lá. Se houver alguma coisa para ouvir, ele ouvi-la-á. E eu vou fazer umas investigações discretas. Para além disso, penso que fizeste tudo o que podias

fazer. Além, claro, e tal como antes, de te aconselhar a pensares em acrescentar alguns soldados domésticos ao teu pessoal. Soldados capazes de servir uma chávena de chá ou de cortar uma goela com igual perícia.”

“Não me parece que isso seja necessário,” disse eu com firmeza, e detentei o seu suspiro distante.

“Como achares melhor,” concluiu ele e retirou a sua mente de junto das nossas.

Eu fiz o que ele sugerira, enviando Enigma às tabernas, mas ele não ouviu nada. Não chegou nenhuma mensagem a perguntar o que acontecera a uma mensageira. Durante algum tempo, eu andei de pelos eriçados, alerta a tudo o que pudesse ser nem que fosse um pouco fora do comum. Mas à medida que os dias, e depois os meses, se foram passando, o incidente apagou-se do primeiro plano da minha mente. A suposição de Enigma de que nenhum deles era o que afirmava ser e que tínhamos sido testemunhas casuais de alguém a ajustar velhas contas era tão válida como qualquer outra coisa que eu conseguisse imaginar.

Anos mais tarde, eu acabaria por me espantar com a minha estupidez. Como podia não ter percebido? Esperava e ansiava há anos por uma mensagem do Bobo. E quando ela finalmente chegara, eu não a recebera.

## CAPÍTULO 3

### *A Queda de Tombastela*

*Um segredo só é teu enquanto não o partilhares. Di-lo a uma pessoa e deixa de ser segredo.*

Breu Tombastela

**G**alinhas cacarejavam, bezerros baliavam e o cheiro saboroso da carne a pingar de gordura flutuava no ar de verão. O céu azul do estio arqueava por cima das barracas do mercado em Margem de Carvalhos, a maior vila franca a uma viagem fácil de distância do Solar de Floresta Mirrada. Margem de Carvalhos era uma vila que se erguia numa encruzilhada, com bons acessos às quintas circundantes do vale e

a uma bem cuidada Estrada do Rei que levava a um porto no Rio Cervo. Chegavam bens de montante e de jusante do rio, bem como das aldeias em redor. Os mercados do décimo dia eram os mais concorridos; carroças de agricultores enchiam o círculo do mercado, enquanto vendedores menos importantes tinham espalhado os produtos por mantas estendidas no relvado da vila sob os vastos carvalhos na margem do ribeiro que lhe davam o nome. Os mercadores mais humildes não tinham mais do que legumes frescos ou artesanato feito em casa disposto em esteiras no chão, ao passo que os agricultores com maiores propriedades instalavam bancadas temporárias onde colocavam cestos de lãs tingidas, rodas de queijo ou fatias de porco fumado.

Atrás das vendas do mercado do décimo dia ficavam os mercadores residentes de Margem de Carvalhos. Havia uma loja de sapatos, o estabelecimento de um tecelão, um latoeiro e um grande ferreiro. A Estalagem dos Cães do Rei dispusera bancos e mesas no exterior, à sombra. O vendedor de panos exibia para venda fileiras de tecidos e retorcidas meadas de fio tingido, a loja do ferreiro oferecia artigos de estanho, ferro e cobre e o sapateiro trouxera o banco para o exterior da loja e estava nele sentado a coser um suave chinelo vermelho de senhora. O ruído agradável das pessoas a regatear e a tagarelar fluía e refluía em vagas contra os meus ouvidos.

Estava sentado num dos bancos da taberna, debaixo do carvalho, com uma caneca de sidra junto do cotovelo. As minhas incumbências estavam concluídas. Tínhamos recebido uma mensagem de Justo, a primeira a chegar-nos em muitos meses. Ele e Cadinho tinham saído de casa quase três anos antes. Com a bela indiferença da juventude pelas preocupações dos pais, só enviavam mensagens esporadicamente. Justo concluía o primeiro ano de aprendizado com um fabricante de carroças em Fundos Altos, e o mestre estava mesmo muito contente com ele. Escrevia que Cadinho arranjava trabalho num barco de transbordo fluvial e parecia satisfeito com essa ocupação. Eu e Moli rejubiláramos com a notícia de que ele finalmente assentara e se estava a sair bem. Mas Justo acrescentara que perdera a sua faca preferida de trazer à cinta, uma faca com uma lâmina estreita e levemente encurvada que o ferreiro de Margem de Carvalhos lhe fizera quando ele tinha treze anos. Eu encomendara duas semanas antes uma faca que a substituísse e viera buscá-la hoje. Esse pequeno embrulho estava aos meus pés, ao lado de um monte de compras de Moli.

Estava a observar o sapateiro e a perguntar a mim mesmo se Moli gostaria de ter um par de chinelos vermelhos. Mas claro que aquele par

já estava apalavrado; enquanto eu observava, uma jovem esguia com uma rebelde cabeleira castanha e encaracolada saiu a pavonear-se da multidão do mercado e foi parar à frente do sapateiro. Não consegui ouvir as palavras que trocaram, mas o homem deu mais três pontos e fez um nó, cortou o fio com os dentes e ofereceu o chinelo e o respetivo par à rapariga. A cara dela iluminou-se com um sorriso atrevido, pousou uma pilha de moedas de cobre no banco dele e sentou-se imediatamente para experimentar os sapatos novos. Acabada de calçar, levantou-se, ergueu as saias quase até aos joelhos, e experimentou uns passos de dança ali mesmo, na rua empoeirada.

Eu sorri e olhei em volta em busca de alguém com quem partilhar o divertimento com o imperturbável prazer da rapariga. Mas os dois velhos lavradores sentados na outra extremidade do meu banco estavam a trocar queixas sobre a possibilidade de chuva ou da sua falta, e a minha Moli andava entre os outros compradores a desfrutar de um dia de regateio com mercadores. No passado, quando os rapazes eram mais novos e Paciência estava viva, os dias de mercado eram viagens muito mais complicadas. Mas no espaço de pouco mais de um ano tínhamos perdido a minha madrastra e víamos os rapazes partir à aventura. Durante a maior parte de um ano, creio que estivemos ambos atordoados pela abrupta mudança nas nossas vidas. Ao longo dos quase dois anos que decorreram depois disso, tínhamo-nos debatido com uma casa que de repente parecia demasiado grande. Só recentemente havíamos começado a explorar cautelosamente a nossa nova liberdade. Hoje tínhamos escapado ao confinamento das nossas vidas como senhora e depositário da propriedade para ter um dia para nós. Tínhamo-lo planeado bem. Moli trouxera uma pequena lista de coisas que desejava comprar. Eu não precisava de lista para me lembrar que aquele era o meu dia destinado ao ócio. Estava a contar com música durante uma refeição noturna na estalagem. Se nos deixássemos ficar até demasiado tarde, poderíamos até passar lá a noite e começar a viagem de volta a Floresta Mirrada na manhã seguinte. Perguntei despreocupadamente a mim próprio por que motivo a imagem de Moli e eu sozinhos numa estalagem durante a noite despertava pensamentos mais dignos de um rapaz de quinze anos do que de um homem de cinquenta. Isso fez-me sorrir.

### *FitzCavalaria!*

O contacto pelo Talento foi um berro na minha mente, um grito ansioso que era inaudível para todas as outras pessoas no mercado. Soube num instante que se tratava de Urtiga e que ela estava cheia de preocupação. O Talento era assim: tanta informação transmitida num instante.

Uma parte da minha mente reparou que ela me chamara FitzCavalaria, não Tomé Texugo, Tomé ou até Lobo Sombrio. Ela nunca me chamava pai ou papá. Eu perdera há anos o direito a esses títulos. Mas “FitzCavalaria” falava de assuntos que tinham mais a ver com a coroa Visionário do que com os nossos laços familiares.

*Que se passa?* Instalei-me no banco e afixei no rosto um sorriso vazio enquanto estendia o Talento pela distância que me separava do Castelo de Torre do Cervo, na costa. Via os ramos erguidos do carvalho com o céu azul em fundo, mas também estava consciente de uma sala obscurecida em volta de Urtiga.

*É Breu. Pensamos que ele deu uma queda e talvez tenha batido com a cabeça. Foi encontrado esta manhã estatelado nas escadas que levam ao Jardim da Rainha. Não sabemos quanto tempo esteve lá e fomos incapazes de o despertar. O Rei Respeitador deseja que venhas imediatamente.*

*Estou aqui, assegurei-lhe. Deixa-me vê-lo.*

*Estou a tocar-lhe agora. Não o consegues sentir? Eu não consegui, Respeitador não conseguiu e o Obtuso ficou completamente desconcertado. “Vejo-o mas ele não está lá,” disse-nos.*

O medo enviou ramificações frias da minha barriga até ao coração. Uma velha recordação da rainha de Veracidade, Kettricken, a cair por essas mesmas escadas — vítima de uma conspiração para matar, com a queda, o filho por nascer — encheu-me a mente. Perguntei imediatamente a mim próprio se a queda de Breu teria sido mesmo um acidente. Tentei esconder esse pensamento de Urtiga enquanto estendia a mente através dela para procurar Breu às apalpadelas. Nada. *Não consigo detetá-lo. Está vivo?*, perguntei, procurando alcançar alguma aparência de calma. Forcei o meu Talento e fiquei mais consciente da sala onde Urtiga estava sentada ao lado de uma cama de dossel. As janelas tapadas com cortinas tornavam a iluminação fraca. Havia um pequeno braseiro a arder, algures; senti o cheiro penetrante de ervas reconstituíntes. Estava sentado ao ar livre mas senti a toda a minha volta o ar abafado da sala fechada. Urtiga encheu os pulmões de ar e mostrou-me Breu através dos seus olhos. O meu velho mentor fora estendido sob as mantas, tão direito como se estivesse deitado numa pira funerária. Tinha a cara pálida, os olhos encovados e uma nódoa negra enegrecia uma têmpora e inchava-lhe a testa desse lado. Vi o conselheiro do Rei Respeitador através dos olhos da minha filha, mas não obtive dele nenhuma sensação mais completa.

*Ele respira. Mas não acorda e nenhum de nós tem qualquer sensação de que está lá. É como se eu estivesse a tocar...*

*Terra.* Concluí o pensamento por ela. Fora assim que o Obtuso o exprimiria anos antes, quando eu lhe suplicara e a Respeitador para estenderem o Talento e me ajudarem a curar o Bobo. O Bobo estivera morto para eles. Morto e já a transformar-se em terra. *Mas respira?*

*Já te disse que sim!* Impaciência frenética a rasar a ira tingiu-lhe as palavras. *Fitz, não te teríamos contactado se isto fosse uma cura simples. E eu ter-te-ia dito se ele estivesse morto. Respeitador quer que venhas imediatamente, assim que possível. Mesmo com o Obtuso a emprestar-lhes força, o Círculo de Talento não foi capaz de o alcançar. Se não conseguirmos alcançá-lo, não conseguiremos curá-lo. És a nossa última esperança.*

*Eu estou no mercado de Margem de Carvalhos. Vou ter de voltar a Floresta Mirrada, embrulhar algumas coisas e ir buscar um cavalo de sela. Chego aí dentro de três dias, ou menos.*

*Não serve. Respeitador sabe que não vais gostar da ideia, mas quer que venhas pelos portais de pedra.*

*Eu não faço isso.* Asseverei-o de forma taxativa, já sabendo que por Breu correria esse risco, algo que não fizera durante todos os anos transcorridos desde que me perdera nas pedras. A ideia de entrar naquele reluzente negrume pôs-me em pé os pelos da nuca e dos braços. Só de pensar nisso, fiquei aterrorizado ao ponto de me sentir doente. Aterrorizado. E tentado.

*Fitz. Tem de ser. É a única esperança que temos. Os curandeiros que chamámos são completamente inúteis, mas numa coisa concordam. Breu está a afundar-se. Não conseguimos alcançá-lo com o Talento e eles dizem que toda a sua experiência lhes diz que dentro de alguns dias vai morrer, com os olhos a projetar-se da cara por causa do golpe na cabeça. Se cá chegares dentro de três dias, será para o veres arder numa pira.*

*Eu vou.* Formei sombriamente o pensamento. Conseguiria levar-me a fazê-lo? Tinha de conseguir.

*Pelas pedras,* insistiu ela. *Se estás em Margem de Carvalhos não estás longe da Pedra de Julgamento que eles têm na Colina da Forca. Os mapas que temos mostram que tem o glifo das nossas Pedras Testemunha. Facilmente consegues chegar cá antes do pôr do sol.*

*Pelas pedras.* Tentei afastar do pensamento tanto a amargura como o medo. *A tua mãe está aqui no mercado comigo. Viemos na carroça de rodas altas. Vou ter de a mandar sozinha para casa. Uma vez mais separados por assuntos Visionário, roubados do simples prazer de uma refeição partilhada e das canções de menestrel de uma noite numa taberna.*

*Ela vai compreender,* disse Urtiga, tentando reconfortar-me.